

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

THOMÁS DE PAULA SOUZA

**JORNALISTA OU TORCEDOR: OBJETIVIDADE, PARCIALIDADE E
RIVALIDADES REGIONAIS NA COBERTURA ESPORTIVA DO
FUTEBOL**

VOLTA REDONDA

2024

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JORNALISTA OU TORCEDOR: OBJETIVIDADE, PARCIALIDADE E
RIVALIDADES REGIONAIS NA COBERTURA ESPORTIVA DO
FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Fundação
Oswaldo Aranha para a obtenção de grau
de bacharel em Jornalismo.

Aluno: Thomás de Paula Souza

Professor: Dr. Rogério Martins de Souza

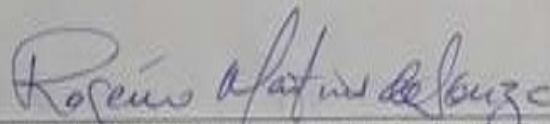
**VOLTA REDONDA
2024**

FOLHA DE APROVAÇÃO

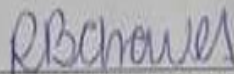
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Jornalista ou torcedor: Objetividade, parcialidade e rivalidades regionais na cobertura esportiva do futebol", elaborado por Thomás de Paula Souza, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Jornalismo.

Aprovado em 13 de 11 de 2024.

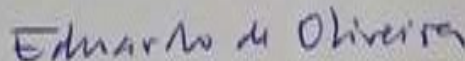
Banca Avaliadora:



Professor(a) orientador(a) – Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA



Professor(a) avaliador(a) – Rebeca Baltazar Chaves, Mestre, UniFOA



Professor(a) avaliador(a) – Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira, Doutor, UniFOA

Dedico esta monografia à minha família, ao meu orientador e a todos os professores que fizeram parte da minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio e esforço que tiveram para que este trabalho fosse possível, ao meu orientador pelo suporte que ofereceu desde o início da pesquisa e por ter acreditado no potencial desta monografia, e aos amigos que acreditaram em mim.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a relação entre a objetividade e a parcialidade no jornalismo esportivo brasileiro, com foco nas rivalidades regionais, especialmente entre clubes do Rio de Janeiro e São Paulo se pautando na seguinte questão: Considerando uma suposta parcialidade e a falta de objetividade no jornalismo esportivo, veículos de abrangência estadual tendem a favorecer a imagem das equipes de seu estado quando em confrontos com times de outros estados? O estudo é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda as origens e a evolução do jornalismo esportivo no Brasil, discutindo a flexibilidade da objetividade nesse campo e a influência das emoções na cobertura de eventos esportivos. O segundo capítulo investiga como o jornalismo contribui para a construção da identidade regional e examina casos de rivalidade no futebol brasileiro, além de considerar o impacto das redes sociais na cobertura esportiva. No terceiro capítulo, é realizada uma análise comparativa entre os veículos "Jornal do Brasil" e "Estado de São Paulo", focando na cobertura de finais do Campeonato Brasileiro em diferentes décadas, utilizando como fonte a Hemeroteca Digital e o Acervo do Estado de São Paulo. A pesquisa revelou que a cobertura esportiva tende a favorecer a imagem das equipes locais, refletindo a parcialidade e a subjetividade presentes no jornalismo esportivo.

Palavras-chave: jornalismo esportivo, objetividade, parcialidade, rivalidades regionais, identidade.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the relationship between objectivity and bias in Brazilian sports journalism, focusing on regional rivalries, especially among clubs from Rio de Janeiro and São Paulo, based on the following question: Considering the alleged bias and lack of objectivity in sports journalism, do state-level media outlets tend to favor the image of teams from their state when they face teams from other states? The study is divided into three chapters. The first chapter discusses the origins and evolution of sports journalism in Brazil, exploring the flexibility of objectivity in this field and the influence of emotions in the coverage of sporting events. The second chapter investigates how journalism contributes to the construction of regional identity and examines cases of rivalry in Brazilian football, as well as considering the impact of social media on sports coverage. The third chapter conducts a comparative analysis between the "Jornal do Brasil" and "Estado de São Paulo," focusing on the coverage of Brazilian Championship finals across different decades, using the Hemeroteca Digital and the Acervo do Estado de São Paulo as sources. The research revealed that sports coverage tends to favor the image of local teams, reflecting the bias and subjectivity present in sports journalism.

Keywords: sports journalism, objectivity, bias, regional rivalries, identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CAPÍTULO 1 - JORNALISMO ESPORTIVO: ENTRE A OBJETIVIDADE E A EMOÇÃO	13
2.1 - Origens e evolução do jornalismo esportivo no Brasil	13
2.2 - A objetividade e o apelo à emoção nos esportes	18
2.3 - A rivalidade entre clubes e a imprensa	20
3 CAPÍTULO 2 - JORNALISMO, IDENTIDADE REGIONAL E RIVALIDADES.....	24
3.1 Jornalismo e identidade regional	24
3.2 Casos de rivalidade no futebol brasileiro	27
3.3 Jornalismo, participação e rivalidade em meio à ascensão das redes sociais.....	29
4 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE COMPARADA: JORNAL DO BRASIL E ESTADO DE SÃO PAULO	33
4.1 Sobre os veículos	33
4.2 Análise das coberturas	36
4.3 Teoria do enquadramento aplicada nas coberturas analisadas.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6 REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

A objetividade é considerada uma característica fundamental no jornalismo. O jornalista, segundo princípios elementares do ofício, deve noticiar os fatos e acontecimentos buscando a maior proximidade possível com a realidade, evitando que qualquer viés político, ideológico e/ou regional influencie na elaboração de um conteúdo jornalístico. Entretanto, o jornalismo esportivo apresenta mais flexibilidade em relação ao princípio da objetividade. “A dita objetividade jornalística é muitas vezes deixada de lado sem cerimônia no campo esportivo” (LEAL et MESQUITA, 2023). A imparcialidade, outro princípio elementar, também parece ser deixada de lado quando a cobertura jornalística atua na cobertura de confrontos entre equipes de diferentes cidades, regiões ou países (o que em diversos casos ocasiona em críticas a um texto jornalístico que possa ser considerado “clubista” e extremamente parcial). A presente pesquisa está voltada para a “disputa” entre Rio de Janeiro e São Paulo, no âmbito do futebol e da sua cobertura jornalística.

Desde o início do século XX, times de Rio de Janeiro e São Paulo enfrentaram-se em jogos e construíram uma rivalidade, principalmente entre equipes de elite. Além disso, no Brasil houve a Taça Salutaris de 1911, a primeira competição interestadual entre um time carioca e um time paulista, os quais, naquela ocasião, foram: Botafogo Football Club (que se extinguiu em 1942 para se fundir ao Club de Regatas Botafogo e dar origem ao Botafogo de Futebol e Regatas) e a Associação Atlética das Palmeiras (não confundir com a Sociedade Esportiva Palmeiras, a A.A das Palmeiras que em 1930 deu origem ao São Paulo Futebol Clube após alguns profissionais e diretores se juntarem a outros do Club Athletico Paulistano).

Há também exemplos mais contundentes da parcialidade da imprensa, como em jogos da Seleção Brasileira, em que a imprensa nacional como um todo age de forma claramente parcial ao time do Brasil; e partidas entre clubes brasileiros contra equipes estrangeiras, que em alguns casos é parcial ao time brasileiro, levando em conta também a equipe estrangeira, até mesmo por um desconhecimento técnico e tático da imprensa em relação à equipe estrangeira. A fim de analisar uma possível parcialidade na cobertura esportiva motivada por rivalidades regionais, esta monografia propõe analisar a cobertura de confrontos entre equipes do Rio de

Janeiro e São Paulo por dois veículos jornalísticos, um paulista e outro carioca, com equivalente relevância no mercado de suas respectivas regiões.

Parte-se da premissa de que o jornalismo esportivo muitas vezes permite maior flexibilidade na exposição de opiniões e na adoção de uma postura menos objetiva do que o jornalismo noticioso tradicional. Com isso, esta pesquisa busca compreender até que ponto essa flexibilidade influencia a cobertura de eventos esportivos envolvendo equipes rivais de diferentes regiões do Brasil.

Portanto, o objetivo desta pesquisa reside em investigar em que medida a parcialidade e a subjetividade se manifestam na cobertura jornalística esportiva, especialmente em confrontos entre equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, e como essa manifestação pode ser influenciada por fatores regionais, históricos e culturais. Por fim, o trabalho pretende responder um questionamento: Levando em consideração uma suposta parcialidade e a falta de objetividade no jornalismo esportivo, veículos de abrangência estadual (ou que, ao menos, privilegiam o público-alvo do estado onde a empresa jornalística está sediada) tendem a “favorecer” a imagem das equipes de seu estado quando em confrontos com times de outros estados? Concedem-lhes mais espaço, destaque ou valores?

Quando se trata de jornalismo esportivo no Brasil, é possível que os meios de comunicação estaduais tendam a promover a imagem das equipes estaduais em jogos contra equipes de outros estados. Fatores históricos, culturais e regionais podem de fato influenciar a cobertura jornalística e dar mais espaço, destaque e valores às equipes locais em detrimento das equipes de outras regiões. A tendência pode ser ainda mais evidente nos jogos entre as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo devido às rivalidades históricas dessas regiões e à forte associação dos veículos de comunicação regionais com suas respectivas audiências.

Portanto, a seguinte pesquisa visa analisar a hipótese que de fato há favorecimento na promoção de certos clubes em âmbito regional em detrimento de clubes de estados diferentes, como também a imprensa fomenta e estimula a rivalidade interestadual no futebol brasileiro, mais especificamente entre clubes de Rio-São Paulo. Também é de interesse dessa pesquisa constatar que de fato existe rivalidade esportiva entre os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A pesquisa toma como objetos jornais impressos das capitais paulista e fluminense – mais especificamente o material jornalístico produzido nas vésperas e após relevantes confrontos entre equipes cariocas e paulistas. O critério de seleção

destes veículos leva em conta sua disponibilidade na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (origem das fontes primárias) e a equivalência entre os veículos comparados no que diz respeito à sua relevância perante os respectivos públicos. Considera-se que, para as finalidades da pesquisa, o texto impresso e os recursos gráficos fornecem melhores condições de análise do que, por exemplo, o audiovisual.

A intenção foi utilizar como objeto de análise dois veículos de imprensa que possuíssem o máximo de equivalência possível, tanto no sentido de relevância quanto no sentido de temática. Desta forma, os jornais escolhidos foram “O Estado de São Paulo” (São Paulo) e o “Jornal do Brasil” (Rio de Janeiro).

Foram selecionados jornais que noticiaram três confrontos decisivos entre paulistas e cariocas, em três momentos distintos. O primeiro diz respeito à decisão da Taça Brasil de 1964, entre Santos Futebol Clube e Clube de Regatas do Flamengo, realizada nos dias 16 e 20 de dezembro de 1964 e vencida pelo Santos; O segundo confronto se refere à final do Campeonato Brasileiro de 1972 entre Sociedade Esportiva Palmeiras e Botafogo de Futebol e Regatas realizada em jogo único no dia 23 de dezembro de 1972, com o Palmeiras se sagrando campeão; E por fim, o terceiro confronto que se refere à decisão do Campeonato Brasileiro de 1983, entre Flamengo e Santos, realizada nos dias 22 e 29 de maio de 1983.

Ao identificar e analisar possíveis exemplos de parcialidade em coberturas esportivas de finais nacionais envolvendo times cariocas e paulistas, esta pesquisa busca contribuir para o entendimento sobre como a rivalidade regional pode influenciar a prática jornalística e como a parcialidade na cobertura esportiva pode se manifestar em conteúdos jornalísticos. Além disso, esta pesquisa também pretende falar sobre a relação entre jornalismo e identidade regional, investigando até que ponto os veículos de comunicação se tornam parte do fenômeno esportivo que estão cobrindo. Portanto, esta pesquisa não apenas aborda questões pertinentes ao jornalismo esportivo e à ética jornalística, mas também lança luz sobre as dinâmicas complexas das rivalidades regionais no Brasil e como essas dinâmicas se refletem na prática jornalística.

No primeiro capítulo, foi abordada a história do jornalismo esportivo no Brasil, sua origem, evolução, suas particularidades em comparação ao jornalismo convencional, a relação entre a emoção e a imparcialidade no jornalismo esportivo.

Assim como uma possível rivalidade entre a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, e como os clubes de cada estado são afetados por essa suposta rivalidade.

No segundo capítulo, foi analisado o papel do jornalismo na construção de uma identidade regional e cultural no Brasil, além da descrição de alguns casos de rivalidade entre clubes de futebol do mesmo estado. E por fim, a participação da imprensa na criação e crescimento de rivalidades esportivas no contexto das redes sociais.

No terceiro capítulo, foi realizada uma análise comparada das coberturas feitas pelos veículos “Jornal do Brasil” e “Estado de São Paulo” das finais nacionais de 1964, 1972 e 1983. As coberturas incluíram as edições impressas publicadas no dia de cada partida, e após cada partida. Depois disso, há uma descrição de cada cobertura, apontando detalhes relevantes nas publicações dos jornais. E por fim, a comparação entre as coberturas dos dois veículos, levando em consideração os critérios da Teoria do Enquadramento.

A forma como os eventos esportivos são cobertos pela mídia pode moldar a opinião pública e influenciar a forma como os torcedores percebem seus times e seus adversários. Identificar casos de parcialidade na cobertura esportiva é importante para promover uma mídia mais transparente e responsável, que busque oferecer uma visão equilibrada dos acontecimentos. A pesquisa sobre parcialidade na cobertura esportiva entre equipes rivais de diferentes regiões do Brasil contribui para o avanço do conhecimento acadêmico no campo do jornalismo esportivo. Ao investigar os padrões de cobertura e os fatores que influenciam a narrativa jornalística, esta pesquisa pode incentivar reflexões para estudantes, pesquisadores e profissionais da área. Além disso, as finais selecionadas como objetos de análise representam momentos históricos significativos no cenário do futebol brasileiro.

2 JORNALISMO ESPORTIVO: ENTRE A OBJETIVIDADE E A EMOÇÃO

Este primeiro capítulo visa abordar a história do jornalismo esportivo no Brasil, sua origem e evolução, além de suas peculiaridades em relação ao jornalismo convencional. Pretende também discutir a objetividade no jornalismo esportivo e como ela se relaciona com a emoção no esporte.

Também será abordado o início da suposta rivalidade entre clubes do Rio de Janeiro e São Paulo dentro da imprensa e como ela foi mostrada ao longo das décadas.

2.1 Origens e evolução do jornalismo esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo está há mais de um século presente em terras brasileiras. Já no século XIX, há registros de jornais que abordavam a temática de esportes, como o *Jornal do Brasil*, que desde seu ano de fundação (1891) possuía uma seção destinada ao tema desde antes do futebol se tornar um esporte popular. Na época, os jornais frequentemente traziam notícias sobre o remo e o turfe (corrida de cavalos), e o *Jornal do Brasil* foi o primeiro a ter uma página inteira dedicada a esportes, no ano de 1912 (CAMPOS, 2017).

Um dos primeiros registros de jornal impresso brasileiro a falar sobre futebol é do jornal "Fanfulla", tradicional veículo de comunicação da comunidade italiana no Brasil. "O responsável pelas publicações, ou melhor, pelas divulgações do futebol, era o jornal "Fanfulla", que em 1910 passou a escrever para os italianos que viviam na capital paulista" (BRETONES, 2010). Durante esta década, foram realizadas diversas edições da "Taça Salutaris", primeira competição de caráter interestadual entre clubes de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo, e já nas primeiras edições havia a cobertura esportiva da competição, com os jornais da época informando sobre os resultados das partidas¹.

¹(SPORTS: Foot-ball. Correio da Manhã, [S. l.], p. 4, 10 jun. 1911).

Anos depois, em 1920 foi realizado o Torneio dos Campeões Estaduais de 1920, também conhecido na época de forma não oficial como “Campeonato Brasileiro de Clubes Campeões de 1920”. O torneio, disputado durante a era amadora do futebol brasileiro (1900 – 1933), é considerado um dos precursores do Campeonato Brasileiro de Futebol, tendo sido classificado pelo então tradicional jornal carioca “O Paiz” como “Grande interestadual promovido pela CBD”. A competição, porém, não tinha caráter nacional e não era considerada um torneio nacional pela Confederação Brasileira de Desportos, sendo apenas uma competição envolvendo equipes do Rio, São Paulo e Minas. Entretanto, alguns jornais da época trataram a conquista do Club Athletico Paulistano nessa competição como um título nacional, como na manchete do Correio Sportivo: “O Club Athletico Paulistano é o campeão do Brasil”, contrariando a decisão da CBD, que não nomeou a equipe paulista como campeã brasileira em 1920 (MADUREIRA, 2022).

A competição chegou a ser realizada novamente em 1937 em moldes semelhantes, mas dessa vez pela Federação Brasileira de Football (que já havia organizado três edições do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais em 1933, 1934 e 1935). A competição chegou a ser tratada novamente por alguns jornais como uma competição nacional, como o “Correio da Manhã” que se referiu ao torneio como “Campeonato nacional”, e o “Correio de São Paulo”, que se referiu como “Campeonato Brasileiro”, tratando a competição como um campeonato nacional de fato. Mas ainda com este tratamento da imprensa na época, apenas em 2023 (diante de questionamentos), houve a unificação do torneio (vencido pelo Clube Atlético Mineiro) como um “campeonato brasileiro” nos mesmos moldes da unificação da Taça Brasil (1959 a 1968) e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967 a 1970) feita pela CBF em 2010 (MADUREIRA, 2022).

Contudo, nos primeiros anos do século XX, o esporte era uma temática restrita a um público de nicho, que era visto com preconceito por agradar as classes mais pobres, principalmente o futebol, e que levaria um tempo até se tornar popular e se profissionalizar ainda na década de 1930 (BRETONES, 2010). O jornalismo esportivo terá de fato seu crescimento e importância junto ao público em 1931, com a fundação do Jornal dos Sports, periódico que se tornaria um símbolo do

jornalismo esportivo no Brasil. Antes disso, também em 1931, Roberto Marinho, recém-diretor do jornal O Globo, havia convidado o jornalista Mário Filho para ficar responsável pelo caderno de esportes do jornal. Este caderno logo se torna relevante no meio do jornalismo esportivo, e em 1936 Mário Filho se torna proprietário do já citado Jornal dos Sports (FILARDI, 2020).

Mário Filho não apenas se torna uma figura relevante no jornalismo esportivo brasileiro e conseqüentemente o maior nome dentro do jornalismo esportivo no Brasil, como também é o grande incentivador para a construção do Maracanã, que recebeu o nome de “Estádio Jornalista Mário Filho” após sua morte, em 1966 (FILARDI, 2020).

Cerca de um mês após a inauguração do Maracanã, em 12 de junho de 1950, o estádio foi palco da partida decisiva entre Brasil x Uruguai na Copa do Mundo de 1950 que resultou em uma das derrotas mais marcantes da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo: “na véspera do jogo, encontrei-me com alguns companheiros e repreendi vários órgãos da imprensa de publicarem a vitória brasileira sem o jogo ter sido efetuado e questionei a razão de tanta euforia” disse o jornalista Loris Baena (SANCHES, 2015).

Mário Filho tinha uma visão da sociedade que ia além da mera competição esportiva. Ao ver três atletas negros da seleção serem culpados injustamente pela derrota do Brasil na decisão da Copa do Mundo, escreveu: “quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo”, apontando o racismo da população em um período que o tema não era tão discutido e abordado como nos dias atuais. Essa consciência de Mário Filho o fez lançar anos depois, em 1964 o livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, clássico da literatura esportiva nacional.

Mário Filho e seu irmão Nelson Rodrigues, foram responsáveis por engrandecer ainda mais o clássico centenário entre Flamengo x Fluminense, pois as crônicas de um rubro-negro (Mário Filho) e de um tricolor (Nelson Rodrigues) promoveram o confronto e deram ao clássico a importância que é dada até os dias de hoje. Mário explicava: “se me perguntarem qual é o *match* que gosto mais, digo logo Fla-Flu. Aliás, ninguém me pergunta, todo mundo já sabe”. Já para Néilson, “há um parentesco óbvio entre o Fluminense e o Flamengo. E como este se gerou no

ressentimento, eu diria que os dois são os irmãos Karamazov do futebol brasileiro” (apud ALLIATTI, 2012).

Em relação ao radiojornalismo e ao esporte, sua ligação tem início em meados da década de 1920, quando a rádio trazia notícias sobre os jogos, lendo telegramas com resultados de partidas. No entanto, um grande marco desta relação ocorre apenas em 19 de julho de 1931, com o amistoso entre as seleções estaduais de São Paulo e Paraná se torna a primeira partida completa a ser transmitida na rádio, pela Rádio Educadora Paulista, com narração de Nicolau Tuma (MATSUKI, 2022).

Esse crescimento das transmissões de rádio no futebol aos poucos mudava os hábitos de diversos torcedores brasileiros, alguns passaram a acompanhar os jogos em casa, sem precisarem se deslocar aos estádios. Essa mudança no hábito dos torcedores gerou um desconforto nos dirigentes dos clubes paulistas pela redução na renda das bilheterias, até que em 1934 a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), através de uma carta, proibiu a transmissão dos jogos no estado de São Paulo, gerando uma estagnação na evolução das transmissões esportivas na rádio (GASPARINO, 2013).

Como uma forma de contornar a proibição, Nicolau Tuma chegou a narrar uma partida em uma escada de 14 metros ao lado do estádio Palestra Itália. No fim de 1934, já havia 10 estações de rádio transmitindo esportes, mesmo sem cabines nos estádios, e com as novas emissoras, surgiram diversos locutores e comentaristas esportivos, como Gagliano Neto, Geraldo José de Almeida, Blota Júnior e Jorge Amaral (GASPARINO, 2013). Em 1938, Gagliano Neto se tornou uma figura importante neste tema ao transmitir o jogo Brasil x Polônia na *Copa do Mundo* daquele ano, marcando a primeira transmissão de um jogo de *Copa do Mundo* no Brasil, após já ter transmitido o *Campeonato Sul-Americano* em 1936 pela Rádio Cruzeiro do Sul (GASPARINO, 2013).

Em 1959, João Havelange, através da CBD, organiza a “Taça Brasil”, primeira competição nacional entre clubes que seria realizada regularmente de 1959 até 1968, a qual, em sua primeira edição reunia os campeões estaduais em um sistema de mata-mata. O Bahia foi o primeiro campeão brasileiro, de acordo com os

critérios da CBD na época e da CBF pós unificação da Taça Brasil em 2010. Esta primeira edição da *Taça Brasil* recebeu grande atenção da imprensa, pois existia uma pressão externa para a realização de uma competição desse porte. A disputa da primeira edição da Copa Libertadores da América em 1960, seria disputada pelos campeões nacionais de países da América do Sul; portanto, ter um campeão nacional era necessário caso o Brasil quisesse ter uma equipe representante no torneio - na época, o Brasil foi o último país do continente a ter um campeão nacional de forma oficial (TAKAHASHI, MILESI, ALMEIDA 2011).

A imprensa esportiva contribuiu para a relevância do torneio desde o início da competição, cobrindo jogos importantes em diversas edições e corroborando com o caráter nacional da competição, se referindo a cada time campeão como “campeão brasileiro”, como na manchete da “Gazeta Esportiva” no dia 30 de março de 1959: “O EC Bahia conseguiu esta noite, no Maracanã, o título de campeão brasileiro por equipes” e no “Folha da Tarde” na mesma data: “O título, que equivale ao de primeiro campeão brasileiro interclubes” (CUNHA, 2010).

Em 1967 foi realizado o *Torneio Roberto Gomes Pedrosa* (também apelidado de *Robertão*), até 1970 (que a partir de 1968 foi chamado oficialmente pela CBD apenas de Taça de Prata). A competição era uma “evolução” do Torneio Rio-São Paulo, que era organizada pelas federações carioca e paulista em sua primeira edição, mas que passou a incluir times de outros estados, e assim o Torneio Rio-São Paulo se tornou uma competição nacional. Mesmo após a criação do Campeonato Nacional de Clubes em 1971 (que teoricamente iria ignorar os campeões anteriores), a CBD até 1976 ainda considerava a competição oficial através de boletins oficiais (CUNHA, 2011).

Tal cobertura da imprensa nas decisões da *Taça Brasil* e do *Torneio Roberto Gomes Pedrosa* foi um dos fatores determinantes para a unificação das competições como *Campeonato Brasileiro* feita pela CBF em 2010, visto que matérias jornalísticas da época fizeram parte de um dossiê feito por Luís Álvaro Ribeiro, presidente do Santos Futebol Clube em 2010. O dossiê tinha a finalidade de contribuir com a reivindicação para a unificação da *Taça Brasil* e do *Robertão* no mesmo ano (BALTAR, 2010).

2.2 A objetividade e o apelo à emoção nos esportes

Existe uma suposta liberdade editorial na editoria esportiva que influencia significativamente na escolha das notícias a serem publicadas e como essas notícias serão veiculadas, pois permite uma abordagem mais subjetiva e emocional em relação aos eventos esportivos (NEVES, 2020).

Nesse contexto, os jornalistas esportivos têm liberdade de explorar não apenas os aspectos técnicos e resultados dos jogos, mas também as histórias por trás de clubes, atletas e competições. Essa suposta liberdade editorial possibilita a inclusão de elementos como paixão, emoção e preferências pessoais em um texto jornalístico dentro do jornalismo esportivo, tornando a cobertura esportiva mais identificável para o público, tentando ser mais envolvente e cativante até um certo nível. No entanto, essa liberdade precisa ser dosada, pois os jornalistas precisam equilibrar a subjetividade com a imparcialidade e a objetividade nas informações publicadas (NEVES, 2020).

Segundo Neves (2020), nesse contexto, os jornalistas esportivos têm liberdade de explorar não apenas os aspectos técnicos e resultados dos jogos, mas também as histórias por trás de clubes, atletas e competições. Essa suposta liberdade editorial possibilita a inclusão de elementos como paixão, emoção e preferências pessoais em um texto jornalístico dentro do jornalismo esportivo, tornando a cobertura esportiva mais identificável para o público, tentando ser mais envolvente e cativante até um certo nível. No entanto, ainda segundo o autor, essa liberdade precisa ser dosada, pois os jornalistas precisam equilibrar a subjetividade com a imparcialidade e a objetividade nas informações publicadas.

No jornalismo esportivo, é comum encontrar uma linguagem mais informal, dinâmica e apaixonada em comparação com o jornalismo convencional. A linguagem utilizada nessa área é muitas vezes repleta de expressões coloquiais, gírias esportivas, metáforas relacionadas ao universo dos esportes e um tom mais emocional e vibrante. Os jornalistas esportivos costumam utilizar um vocabulário particular do mundo esportivo, fazendo uso de termos técnicos, jargões e expressões ligadas às práticas esportivas. Além disso, a linguagem no jornalismo

esportivo pode ser mais subjetiva, refletindo as paixões, emoções e preferências dos profissionais e do público envolvido (NEVES, 2020).

Um dos fatores determinantes para que o jornalismo esportivo confunda a razão com a paixão em alguns momentos é a presença da emoção no esporte: “A emoção é a alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos” (BARBEIRO, 2006, p. 45).

“A paixão é inerente ao esporte, e, por extensão, à atividade do jornalista esportivo” (UNZELTE, 2017, p.15). No meio do jornalismo esportivo, é muito comum que um profissional da área seja torcedor de um time, pois a paixão é um detalhe presente na vida do jornalista esportivo, e graças a isso existe um certo temor vindo de pessoas ligadas ao esporte de que as análises ou opiniões do profissional sejam enviesadas com base no time pelo qual o jornalista supostamente possa torcer (UNZELTE, 2017).

Neste assunto, também é possível notar diferenças na forma em que certas regiões lidam com isso. Na imprensa esportiva do Rio de Janeiro existem diversos casos de jornalistas que em algum momento declararam-se torcedores de clubes de futebol, como Washington Rodrigues, torcedor declarado do Flamengo, que chegou a ser treinador da equipe em 1995; e João Saldanha, comentarista de rádio e televisão que, além de ter sido treinador da Seleção Brasileira durante as eliminatórias para a *Copa do Mundo* de 1970, já teve uma passagem como treinador do Botafogo de Futebol e Regatas em 1957 (UNZELTE, 2017, p.15). Já em São Paulo, um jornalista se declarar torcedor de uma equipe tem sido frequente apenas nos últimos anos, sendo uma prática pouco comum na imprensa esportiva do estado (UNZELTE, 2017).

No jornalismo existem os “critérios de noticiabilidade”, que são o que orientam o processo de produção jornalística, desde a escolha dos eventos a serem noticiados até a forma como são apresentados ao público, considerando aspectos como relevância, impacto, interesse público e qualidade da informação (SILVA, 2005). Enquanto o jornalismo esportivo tem sua particularidade para manifestar

esses critérios, elementos como número de pagantes em estádios, resultados esportivos e sua repercussão, bastidores de partidas e rivalidades entre clubes e atletas geralmente são alguns dos critérios de noticiabilidade no jornalismo esportivo (NEVES, 2020).

Um exemplo de uso da subjetividade no jornalismo esportivo é o jornal “Meia Hora” fundado em 2005, veículo tradicional no Rio de Janeiro que possui o costume de ter capas em um tom provocativo em notícias esportivas relacionadas aos times de futebol do Rio de Janeiro, como por exemplo: “Fla gabarita o ENEM: Nem Copa do Brasil, nem Brasileiro e nem Libertadores” na edição publicada em 28 de novembro de 2021, se referindo às eliminações e derrotas sofridas pelo Flamengo na temporada de 2021; “O elefante caiu da árvore” na edição de 24 de novembro de 2023, se referindo à rodada do Campeonato Brasileiro em que o Botafogo perdeu a liderança da competição.

2.3 A rivalidade entre clubes e a imprensa

A rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo teve início nas primeiras décadas do século XX. A partir de 1901, os primeiros contatos futebolísticos entre as duas cidades estabeleceram uma relação que intensificou a rivalidade entre elas. As elites esportivas, jornalistas, presidentes de clubes de São Paulo e Rio de Janeiro se consideravam os centros do movimento esportivo, com a missão de "civilizar" outras regiões do Brasil no âmbito esportivo. As duas cidades competiam não apenas nos campos de jogo, mas também em uma disputa pela soberania e pela representação nacional e internacional no esporte. O futebol foi utilizado como meio de construir identidades regionais e reforçar a superioridade de uma cidade sobre a outra, alimentando a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro (PETERS, 2013).

Um dos episódios marcantes nessa rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo foi a criação de uma associação esportiva nacional, a fusão entre a Liga Metropolitana de Esportes Atléticos (LMEA) com a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) resultou na fundação da Federação Brasileira de Sports (que em

1916 passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desportos), que tinha o objetivo de comandar o futebol brasileiro. Mesmo com a fusão entre as duas associações, o fato de a entidade ser liderada pela elite esportiva do Rio de Janeiro intensificou o conflito, causando insatisfação nos representantes esportivos de São Paulo, que alegavam ser merecedores de representarem todo o futebol nacional, graças aos sucessos esportivos da cidade (PETERS, 2013).

A partir de 1916, seleções brasileiras compostas por jogadores de Rio de Janeiro e São Paulo foram formadas com o objetivo de disputar o Campeonato Sul-americano de 1916. A CBD era responsável pelas convocações, o que gerou atrito entre as duas cidades, pois os cariocas eram acusados diversas vezes de excluírem os paulistas da seleção. Até que entre 1920 e 1921, a APEA retirou seus jogadores da seleção, os impedindo de disputar o Campeonato Sul-americano de 1920 e 1921 (PETERS, 2013).

Durante a década de 1920, acirrou-se o conflito entre São Paulo e Rio de Janeiro sobre o controle político e administrativo do futebol brasileiro, essa rivalidade começou na criação da CBD em 1916. As relações entre a CBD e a LMDT, principal Liga da capital, foram definidas pelo jornal *Folha da Noite* como “unha e carne”³⁶⁵. Esse favorecimento aos cariocas não era bem visto pelos paulistas que por diversas vezes recusavam-se a enviar jogadores para a seleção nacional (FERNANDEZ, 2016).

A criação do Campeonato Brasileiro de seleções estaduais em 1922 intensificou a rivalidade no campo esportivo. A competição no futebol alimentava a disputa política, e vice-versa. Quando um clube de São Paulo perdia, surgiam críticas à organização do futebol. A imprensa paulista não aceitava ser derrotada por um clube do Rio de Janeiro, pois considerava que uma vitória sobre o Rio de Janeiro era uma chance de demonstrar sua força contra a capital, que na visão dos paulistas era centralizadora e autoritária (FERNANDEZ, 2016).

Um exemplo disso era a forma que o jornal “Estado de São Paulo” se referia aos cariocas:

Na Europa o Prussianismo obliterou a consciência da nação alemã e esta, com anseios de novas glórias e sedenta de domínios – borra as páginas de sua fulgurante história – e com sangue da humanidade inocente. No Brasil esportivamente ocorre fato idêntico; o carioca deslumbrado com a luxúria de sua natureza e embriagado com a mania do domínio exibicionista,

ufana-se de sua beleza, elegância, educação e patriotismo – com exclusividade de seus irmãos menos favorecidos. Para os cariocas, São Paulo é caipira, egoísta, mal-educado, e inimigo da pátria, e outra quejandas inverdades. Para ele os bandeirantes não passaram de desabusados bandidos que nada fizeram em benefício do Brasil (1918).

Graças a isso, os jogos entre paulistas e cariocas ultrapassavam o aspecto esportivo, diversas vezes ocorriam ataques violentos, acusações e insultos que davam vazão ao “bairrismo”. Diante disso, na final do Campeonato Brasileiro de seleções de 1922, vencido por São Paulo, houve tentativa de ironizar e diminuir a importância do título paulista, como neste trecho do jornal carioca “O imparcial”:

Vai haver em São Paulo no mínimo uma semana de festas, foguetes, discursos ao ar livre, passeatas, reco-reco, missa campal, ladainhas, o diabo enfim. Não há dúvidas que às vezes para grandes mágoas, aparece inesperadamente um alívio. Foi, pois, justamente o que acaba de acontecer ao povo da terra dos bandeirantes

Para os jornais cariocas, a cidade de São Paulo era “complexada” pelo fato do Rio de Janeiro ser a capital do País. (FERNANDEZ, 2016)

Durante os anos 1910 e 1920, teve a disputa pela Taça Ioduran, competição disputada pelo campeão carioca e o campeão paulista. Quando a partida deste torneio seria protagonizada por Paulistano e Fluminense em 1919, o jornal carioca “Correio da Manhã” publicou que o confronto era: “Uma luta em que se decidirá a supremacia, se não do *football*, pelo menos das forças dos campeonatos oficiais das duas cidades”

Fluminense e Paulistano eram os clubes que protagonizaram essa disputa entre Rio de Janeiro e São Paulo, pois eram as melhores e mais vitoriosas equipes de cada cidade. Tanto que após qualquer confronto entre os dois times, eles se auto proclamavam “a melhor equipe do Brasil”, o que era endossado pelas imprensas locais. E apesar de Fluminense e Paulistano manterem a cordialidade dentro de campo, as duas equipes simbolizavam a rivalidade e atrito entre duas cidades que buscavam superioridade (FERNANDEZ, 2016).

Em relação a rivalidade entre clubes do mesmo estado, a imprensa esportiva no Brasil tem papel fundamental na intensificação destes conflitos, como no caso do

Fla-Flu citado anteriormente, que veio a receber uma grande dimensão graças às crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues.

No caso de rivalidades interestaduais, períodos de dominância e protagonismo de certos clubes, assim como episódios específicos desses confrontos costumam ser mais determinantes para causar rivalidades entre clubes de diferentes estados. No âmbito nacional o futebol brasileiro já contou com Palmeiras x Grêmio nos anos 1990, Flamengo x Atlético-MG nos anos 1980 e atualmente com Flamengo x Palmeiras desde 2015. Tais rivalidades passaram a se intensificar com partidas emblemáticas entre esses times, entretanto, coberturas esportivas e comparações feitas pela imprensa podem vir a causar atrito entre duas equipes, como no caso entre Flamengo x Palmeiras:

Palmeiras x Flamengo, um confronto que reúne dois dos maiores e mais vitoriosos clubes do país, colecionadores de troféus no país e no exterior. Por uma dessas características típicas do futebol, embora sejam das capitais do Rio e de São Paulo, rubro-negros e palmeirenses são grande oponentes, tanto quanto quaisquer equipes de uma mesma cidade (NOGUEIRA, 2017).

Além desse confronto, Flamengo x Corinthians foi assunto na Revista Placar em 1982 em uma comparação feita pela revista ao comparar características das equipes: “Por que o Corinthians não é um Flamengo? [...] Mas a diferença entre o Timão e o Mengo é estonteante. Uma disputa a Taça de Prata, o outro é campeão do mundo” (PLACAR, 1982).

3 JORNALISMO, IDENTIDADE REGIONAL E RIVALIDADES

Este capítulo tem como objetivo analisar o papel do jornalismo na construção da identidade regional e cultural no Brasil. Pretende também abordar casos de rivalidades locais entre clubes no futebol brasileiro, citando suas histórias e suas peculiaridades. Ainda neste capítulo, será abordada a participação do jornalismo para a construção de uma rivalidade esportiva no contexto da ascensão das redes sociais.

3.1 Jornalismo e identidade regional

Mesmo com a força do jornalismo de âmbito nacional, o jornalismo regional é importante para as comunidades locais. Ele reforça a identidade e a sensação de pertencimento do torcedor com sua cidade, além do fato de que certos assuntos são publicados apenas em veículos locais. Segundo Mendes, “é através do jornal regional que as populações do interior são informadas das reuniões municipais, dos resultados dos jogos das equipas de futebol da região, da festa popular, da estrada em obras e até dos avisos da câmara municipal” (2021, p.13).

Tal processo ocorre não apenas a partir da mera publicação de um fato, e sim com a abordagem e a forma que certos eventos serão noticiados. Focando no jornalismo esportivo, tema do qual esta pesquisa trata, uma partida de futebol entre uma equipe do Rio de Janeiro e de São Paulo seria abordada por óticas diferentes em relação ao veículo e região em que este evento seria publicado.

Títulos como “Equipe de São Paulo é derrotada por equipe do Rio de Janeiro” e “Equipe do Rio de Janeiro derrota equipe de São Paulo” dizem muito sobre o veículo e o local de publicação deste possível evento. Utilizando os títulos fictícios anteriores como exemplo, o primeiro poderia ser visto diversas vezes em um jornal de São Paulo, pelo fato de dar ênfase ao resultado da equipe paulista, independente da equipe ter sido derrotada. Para leitores de São Paulo, o interesse principal é o resultado da equipe local.

A imprensa tem um papel fundamental na construção de uma identidade regional, ao utilizar representações da cultura local para reforçar a identidade regional (FREITAS E MORAES,2012). Isso é feito através da cobertura de eventos

culturais, tradições e hábitos locais, que ajudam a criar uma imagem positiva e coesa de uma cultura regional. O jornalismo também atua como um canal de diálogo entre a mídia e a comunidade, permitindo que as vozes locais sejam ouvidas e que a cultura regional seja discutida e exaltada. Isso fortalece o senso de pertencimento e identidade entre os habitantes de uma região específica.

A proximidade com o público é uma das maiores vantagens dos jornais impressos regionais em comparação aos de circulação nacional. O conteúdo publicado nesses veículos frequentemente trata de assuntos que já são discutidos na vida cotidiana dos cidadãos, seja em conversas na praça ou discussão sobre política entre vizinhos. Com isso, a mídia regional adquire um grande poder de mobilização social para abordar reivindicações e necessidades sociais dos leitores (GHIZZONI, 2013, p.137).

Para Fernando Cascais, a imprensa regional é como um conjunto de “publicações periódicas cujo conteúdo e distribuição se destinam sobretudo a comunidades regionais e locais. A imprensa regional constitui uma força social ativa, guardiã da cultura local e elo de ligação com as culturas emigradas” (CASCAIS, 2001, p. 109).

Isso pode ser observado não apenas nos veículos que serão abordados nesta pesquisa posteriormente, mas também em outros jornais que (principalmente no âmbito esportivo) possuem publicações focadas em assuntos locais. Uma cobertura de um jornal regional sobre uma competição de caráter estadual pode fortalecer a relação dos habitantes de uma região com os clubes e com a competição oriundos de um estado específico.

Um dos casos em que a mídia e a cobertura esportiva demonstra ter influência na criação de um vínculo entre o torcedor e um clube ou competição é presente na polêmica dos “torcedores mistos”, termo muito utilizado no nordeste do país, que pode se referir tanto ao torcedor que simpatiza com dois clubes (sendo um clube local e o outro de fora do estado) ou apenas quem torce para um clube de outra região (VASCONCELOS, 2011).

O Rio de Janeiro e São Paulo – duas das maiores cidades do país - são grandes referências em relação à cobertura esportiva. Os principais veículos estão presentes nas duas cidades e foram responsáveis por levar informações de clubes cariocas e paulistas para a região nordeste, assim como os campeonatos

disputados por esses clubes. O que fez com que um grande número de pessoas nordestinas criasse vínculo com clubes de outras regiões como Flamengo, Vasco, Corinthians e São Paulo (VASCONCELOS, 2011)

As principais emissoras de TV do país são sediadas nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo. Através de sua rede de afiliadas pelo território nacional, diariamente levavam aos fãs de futebol por todo país considerável quantidade de informações sobre os clubes daqueles estados, incluindo transmissões ao vivo de suas participações em torneios brasileiros e internacionais. Essa presença constante na mídia ajuda esses clubes a se tornarem simbolicamente muito próximos do dia a dia do torcedor nordestino, mesmo que geograficamente distantes. Essa proximidade contribui para que esse torcedor não interprete aqueles clubes como algo que "pertence aos outros" (argumento recorrente entre os "anti-mistos"), mas sim alguma coisa da qual ele também pode fazer parte (VASCONCELOS, 2011,p.6).

Ainda segundo o mesmo autor, o público nordestino que costuma receber com frequência as notícias e transmissões de jogos envolvendo clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo acaba estabelecendo laços de afinidades com algum desses clubes através da exposição constante da mídia e da imprensa. Essa influência também ocasionou um crescimento de torcedores dos clubes nordestinos que atuam contra esse movimento da imprensa, além de tentar estimular a valorização da identidade regional, com o objetivo de fazer com que mais pessoas prestigiem os clubes locais ao invés dos times de futebol de outros estados.

Tomando como exemplo as emissoras de TV cearenses, é notável que apenas nos últimos anos os times locais, como Ceará e Fortaleza, passaram a ter seus jogos exibidos regularmente. Até então esse tipo de transmissão era quase exclusividade das rádios. Somando esse fato à ampla cobertura que todas as mídias esportivas cearenses dão aos times do Sul/Sudeste (afinal são os maiores e mais vencedores, que atraem o interesse dos fãs de futebol), nota-se como os times dessas regiões ocupam um grande espaço na imprensa local, e portanto, no dia a dia dos torcedores. A influência da mídia na escolha do time pelo qual torcer é um dos principais pontos discutidos pelos anti-mistos. (VASCONCELOS, 2011, p.51)

Portanto, é possível observar o papel do jornalismo regional na construção e fortalecimento da identidade e do senso de pertencimento das comunidades locais. Diferente da cobertura nacional, o jornalismo regional aborda temas específicos de uma comunidade, como eventos culturais, esportivos e questões políticas locais, o que promove um diálogo direto com os leitores e reforça a identidade regional.

No contexto esportivo, a forma como as notícias são apresentadas pode influenciar o vínculo dos torcedores com os clubes locais, especialmente em regiões onde a cobertura nacional é predominante, como no caso do Nordeste. Essa cobertura nacional intensa em prol dos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo influencia a criação de laços de afinidade com esses clubes, muitas vezes em detrimento dos times regionais, gerando debates sobre identidade e pertencimento no cenário esportivo. O jornalismo regional, portanto, atua como um mediador cultural que não apenas informa, mas também molda a percepção das comunidades sobre sua própria identidade e as ligações com eventos e entidades locais.

3.2 Casos de rivalidade no futebol brasileiro

O futebol brasileiro apresenta diversos casos de rivalidade entre clubes, sendo a grande maioria envolvendo times de uma mesma região. A rivalidade pode surgir de diversas formas, como uma simples disputa constante por títulos, por divergências ideológicas entre cada clube ou até mesmo episódios específicos que evocam o sentimento de rivalidade entre as equipes. E esses clássicos estão presentes em todo o território nacional

No Rio de Janeiro, existem rivalidades históricas como o chamado “Clássico dos Milhões”, disputado entre Flamengo e Vasco, marcado por envolver as duas maiores torcidas do Rio de Janeiro e por estar presente em diversas modalidades além do futebol. Esta rivalidade surgiu em outro esporte, o remo, no final do século XIX, se fortaleceu no futebol e também esteve presente nas decisões de esportes como o basquete, no *Campeonato Nacional de Basquete* de 2000, no vôlei, como na *Superliga Brasileira de Voleibol Feminino* de 2000-01, e no futebol de areia, na decisão do Campeonato Brasileiro de *Clubes de Futebol de Areia* de 2019.

Citado anteriormente, o Fla-Flu também é uma rivalidade relevante no futebol brasileiro, um clássico que surgiu após jogadores do Fluminense saírem do clube e formarem o departamento de futebol do Flamengo. Muito exaltado por Mário Filho e Nelson Rodrigues, é considerado por parte da mídia esportiva “o clássico mais charmoso do Brasil” (PAES, 2022).

Sendo o clássico mais antigo do futebol brasileiro e o terceiro mais antigo da América do Sul, a rivalidade protagonizada por Fluminense e Botafogo teve início

em 22 de outubro de 1905, data da primeira partida entre as duas equipes. Apelidado de “Clássico Vovô”, a rivalidade entre Botafogo e Fluminense, segundo Mário Filho (1952, p.5) teve início e ganhou força porque “Uma das razões, se não a mais forte da fundação do Botafogo, foi o sentimento de oposição ao Fluminense. Anterior, inclusive, à própria ideia do Botafogo”.

Em São Paulo, o “Derby Paulista”, clássico protagonizado por Corinthians e Palmeiras, é considerado a maior rivalidade entre os grandes times de São Paulo e uma das maiores do país, que teve início logo nas primeiras partidas entre as duas equipes. O episódio que marcou o início da grandeza do confronto foi em 1918, quando atletas num episódio curioso. Um dia, na semana de um jogo decisivo contra o rival, enquanto jogadores do Corinthians almoçavam em uma pensão, jogadores do Palestra Itália jogaram ali um osso de boi com a frase “O Corinthians é canja de galinha para o Palestra” sobre os atletas alvinegros. O fato irritou os jogadores do Corinthians e fez com que a rivalidade surgisse (MELLO, 2009).

Disputado entre Santos e Palmeiras, o “Clássico da Saudade” recebeu este nome em referência ao período em que as duas equipes eram os times mais fortes de São Paulo durante o auge do “futebol-arte” nos anos 60, sendo o Santos comandado por Pelé, e o Palmeiras por Ademir da Guia, maior ídolo da história do clube (KFOURI, 2013).

Ainda em São Paulo, há o “Choque-Rei”, clássico protagonizado por Palmeiras e São Paulo, que ganhou força durante os anos 1940 por ter sido palco de um período de dominância das duas equipes no futebol paulista, já que os dois clubes chegaram a ser campeões estaduais de 1942 a 1950, demonstrando a força de Palmeiras e São Paulo neste recorte, o que inspirou o jornalista Tomás Mazzoni a apelidar o clássico de “Choque-Rei” (DINIZ, 2024).

Ainda na região sudeste, mas em Minas Gerais, a grande rivalidade é entre Atlético e Cruzeiro. O “Clássico Mineiro” não era a rivalidade de maior relevância do estado, sendo este o “Clássico das Multidões” (protagonizado por Atlético e América). No entanto, a rivalidade ganhou força após as duas equipes dividirem o

título estadual de 1956 em uma disputa que precisou ser decidida na justiça (SIMÕES, 2018).

No Rio Grande do Sul, o Gre-Nal (ou Grenal) é a rivalidade de maior relevância. Sendo o clássico entre Grêmio e Internacional, o confronto diversas vezes é considerado por muitos como o de maior rivalidade no país, com reconhecimento internacional, como na lista da revista inglesa FourFourTwo, que elegeu o clássico como o oitavo maior do mundo (PARKINSON, 2016). Um dos casos que comprova a rivalidade entre as equipes é o patrocínio da Coca-Cola em 1987, na ocasião a marca estamparia o uniforme de ambas as equipes durante a disputa da “Copa União”; no entanto, o Grêmio exigiu que a empresa mudasse as cores do logotipo para que pudesse permitir o patrocínio, pois a Coca-Cola utiliza as mesmas cores do Internacional (vermelho e branco) (PETROCILO, 2019).

Por fim, vale destacar a rivalidade entre Remo e Paysandu: o “Re-Pa” é o clássico de maior relevância no estado do Pará e na região norte. Sendo parte da cultura paraense, que em 2016 foi declarado um dos patrimônios culturais imateriais do Pará, junto do Carimbó e do Círio de Nazaré. O confronto também se destaca por ser o clássico com mais partidas disputadas no mundo, com mais de 750 partidas disputadas pelas duas equipes (COSTA, 2012).

3.3 Jornalismo, participação e rivalidade em meio à ascensão das redes sociais

Conforme as redes sociais tiveram seu crescimento ao longo dos anos, a relação entre futebol, jornalismo e público se estreitou. O que se via anteriormente era uma relação em que o público, na maioria dos casos, apenas recebia informações e acompanhava os clubes sem uma interação de fato. Era comum os clubes de futebol tomarem decisões que pudessem causar descontentamento dos torcedores e essa insatisfação ser expressada apenas pessoalmente.

A Web 2.0 trouxe outra realidade. A mídia não deixou de pautar a discussão esportiva, tampouco a jornalística. As redes sociais fizeram expandir a liberdade de expressão e de manifestação de pessoas que antes não tinham espaço privilegiado. Claro que havia outros lugares de discussão, outras formas de interação entre quem não tinha voz na mídia. Contudo, a Internet permitiu que o discurso de qualquer pessoa pudesse

ser conhecido para além de limites geográficos restritos. O surgimento de blogs, redes sociais gratuitas, como Orkut, Facebook e Twitter trouxe uma nova dinâmica para a produção de conteúdo (DUTRA, SILVA, 2020).

Hoje, com a popularização do acesso à internet e das redes sociais, o torcedor possui à disposição um canal para participar ativamente de diversos assuntos relacionados ao futebol. Assuntos comuns no meio esportivo e jornalístico como debates, especulações de contratações, análises esportivas, agora ganham a participação do público. E o público não apenas está mais presente como se torna parte importante (RIBEIRO, 2024).

Não é mais preciso frequentar estádios para saber quem jogou melhor em determinada partida, e mesmo rádio e televisão não são as plataformas com o maior acúmulo de informações como essa. A internet passou a ser fonte para torcedores e interessados no esporte. Veículos de grandes empresas de mídia ou iniciativas alternativas criadas por aficionados no esporte fazem esse trabalho. Com as redes sociais, esse contato visando a obtenção de informações tem uma nova fonte: os próprios clubes (FEITOSA, p.20, 2019).

Neste cenário de popularização das redes sociais, não apenas os torcedores mudaram a forma de consumir o esporte e conteúdo relacionado aos times. Os clubes de futebol também se adaptaram a esta plataforma ao longo dos anos. Ainda segundo o autor, os clubes agora enxergam nas redes sociais não só um local para se aproximar de seu torcedor, a facilidade para fazer publicidade também é um motivo relevante.

Com isso, os times de futebol que utilizam as redes sociais tanto para a troca de informações como para efeitos publicitários, precisam compreender as mutações nos padrões comportamentais do indivíduo e assumir seu papel em uma sociedade que se vê diante do declínio de intermediadores no consumo da comunicação (2019, p.72).

Um episódio que mostra a força das redes sociais no meio esportivo foi a contratação do jogador David Luiz pelo Flamengo em 2021. Na época, a contratação foi motivada e ganhou força após uma campanha idealizada por um jovem do interior do Ceará nas redes sociais², que logo viralizou e se tornou importante para a negociação ocorrer, sendo citada pelo próprio jogador na sua primeira coletiva de imprensa: “Meu agradecimento ao Euclides, muito obrigado. Espero um dia te conhecer, espero um dia te dar um abraço, e a tua decisão com certeza tocou o meu coração” (ALMEIDA, 2021).

²Euclides, torcedor do Flamengo do interior do Ceará, que possui uma página no Twitter/X com número considerável de seguidores, criou a *hashtag* “#DavidLuiznoFlamengo” como campanha para a contratação do jogador ser feita pelo clube, já que na época o jogador estava de saída do Arsenal e ficaria livre para ser contratado. A campanha ganhou força nas redes sociais e foi determinante para a contratação do jogador pela diretoria do Flamengo

Um caso emblemático relacionado à pressão e reação do público foi em 2003, no anúncio da oficialização de Waldemar Lemos como treinador do Flamengo. Waldemar Lemos fazia parte da comissão técnica do Flamengo até a demissão de seu irmão, o técnico Oswaldo de Oliveira, que deixou o clube após resultados negativos no comando da equipe. Naquela ocasião, o dirigente do clube, Eduardo Moraes, anunciaria, na presença de torcedores na sede da Gávea, Lemos como novo técnico da equipe. A decisão causou indignação imediata nos torcedores ali presentes, que protestaram ali mesmo, logo após o anúncio feito pelo dirigente. Os protestos não foram suficientes à época para mudar a decisão da diretoria rubro-negra, que manteve o treinador no comando da equipe pelo resto da temporada.

Já após o crescimento das redes sociais, um caso recente foi a contratação do treinador Cuca pelo Corinthians em 2023, que causou rejeição devido a uma denúncia de estupro cometido pelo treinador nos anos 1980 (PIRES, 2021). A decisão de contratar o técnico causou grande rejeição (não só de torcedores), fato que conseqüentemente ocasionou em protestos feitos através de redes sociais. Tais protestos foram a causa da saída de Cuca após uma semana no cargo (CASSUCCI, BRAGA, 2023).

Algo que também se tornou comum com o crescimento das redes sociais é a presença de influenciadores no esporte, perfis de indivíduos voltados para a cobertura dos clubes do coração. Estes geralmente exercem um papel que se aproxima da atividade jornalística (apuram possíveis contratações, escalações e o ambiente do clube no geral), e podem ser ou não jornalistas.

Alguns exemplos de influenciadores são: Farid Germano Filho (torcedor gremista) e Fabiano Baldasso (torcedor do Internacional). Ambos são jornalistas conhecidos em Porto Alegre, e que atualmente utilizam as redes sociais para realizar o trabalho de setoristas, principalmente através do YouTube e Twitter/X.

No conteúdo desse tipo de influenciador, a imparcialidade não é uma regra, pois geralmente esses influenciadores produzem conteúdo voltado para torcidas específicas, então é comum que a defesa dos interesses do clube seja tratada como prioridade. Por terem seu trabalho reconhecido pelos clubes, é comum que eles participem de eventos do clube como em coletivas de imprensa.

Em relação à rivalidade, as redes sociais têm se tornado uma ferramenta para que isso seja mais presente. Provoações entre clubes e torcedores têm sido mais recorrentes.

No Facebook, um dos temas de grande recorrência é o futebol. A rivalidade entre os clubes, somada à inspiração humorística dos torcedores, resulta em diversas publicações pessoais de caráter jocoso, que em sua maioria satirizam os rivais esportivos. Tais publicações não apresentam qualquer caráter informativo ou interesse comercial. O que se percebe é o deslocamento da discussão jocosa dos locais clássicos de interação, como arquibancadas, bares, praças, clubes, entre outros para a rede (DUTRA, SILVA, 2020).

É possível concluir que a internet abriu espaço para que os torcedores deixassem de ser meros espectadores, passando a influenciar ainda mais as narrativas e decisões do mundo esportivo. Este novo contexto fez com que clubes, jornalistas e influenciadores precisassem repensar suas estratégias, adaptando-se a um cenário em que a comunicação é mais direta, imediata e acessível.

A participação ativa do público, o surgimento de influenciadores com grande alcance e o uso das redes para fins publicitários mostram que o futebol agora é vivenciado de forma mais próxima e participativa, no qual cada postagem, comentário ou campanha viral pode influenciar as decisões administrativas de um clube ou a carreira de um jogador.

4 ANÁLISE COMPARADA: JORNAL DO BRASIL E ESTADO DE SÃO PAULO

Este capítulo tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre o “Jornal do Brasil” e o “Estado de São Paulo”, analisando como foi realizada as coberturas de três finais do Campeonato Brasileiro de futebol feita por estes veículos em três décadas diferentes. A primeira final a ser analisada será a de Santos e Flamengo, em 1964. A segunda, entre Palmeiras e Botafogo, em 1972. E a terceira, entre Flamengo e Santos em 1983. Também será abordado um breve contexto histórico sobre ambos os veículos.

A pesquisa terá como objetos jornais impressos das capitais paulista e fluminense – mais especificamente o material jornalístico produzido nas vésperas e após relevantes confrontos entre equipes cariocas e paulistas. A pesquisa e análise dos periódicos será feita através da plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira, no site da Biblioteca Nacional para a análise do “Jornal do Brasil”; e através do Acervo Estadão para análise do “O Estado de São Paulo”. E desta forma, utilizar como objeto de análise as edições dos jornais impressos “O Estado de São Paulo” (São Paulo) e “Jornal do Brasil” (Rio de Janeiro).

Em cada partida presente na análise, a comparação foi feita levando em conta os seguintes critérios de enquadramento presentes na cobertura de cada veículo, como a seleção e exclusão da reportagem nos veículos, uso de adjetivos e termos utilizados, ênfase e detalhamento da cobertura feita por cada jornal e o viés de cada veículo em relação aos times presentes.

4.1 Sobre os veículos

4.1.1 Estado de São Paulo

Fundado em 4 de janeiro de 1875, e sendo o segundo jornal mais antigo do país em circulação, o “Estadão” surgiu quando o país ainda vivia sob a monarquia de D. Pedro II. Naquela ocasião, o veículo começou a circular em São Paulo com o nome de “A Província de S. Paulo”. Em suas primeiras edições, o jornal se propunha a “oferecer à província de S.Paulo campo livre aos debates tão necessários para solução de problemas importantes que interessem a seu desenvolvimento moral e material”, e firmava o compromisso de “fazer da independência o apanágio sua força” (BATISTA, 2023). O jornal tinha a liberdade de expressão como um de seus ideais, e graças a isso sofreu com severas

consequências em regimes autoritários, como censura, prisões e exílios. Julio Mesquita, patriarca da família proprietária, opôs-se ao governo de Arthur Bernardes e foi preso durante a Revolução Paulista de 1924. Seus filhos continuaram a luta contra a ditadura de Getúlio Vargas, sendo exilados após a Revolução Constitucionalista de 1932. Apesar de ter recuperado a liberdade em 1934, enfrentaram nova censura com o Estado Novo em 1937. Julio Mesquita Filho foi preso várias vezes antes de se exilar. O jornal foi invadido em 1940 e permaneceu sob ocupação até 1945.

O jornal vinha sobrevivendo sob a direção de Francisco Mesquita. Como teimava em burlar a censura, foi invadido e ocupado pela Força Pública do interventor Adhemar de Barros, por ordem de Getúlio, em março de 1940. A ocupação só terminou em dezembro de 1945, com a derrubada da ditadura (MAYRINK, 2016).

Em 1964, O Estado apoiou o golpe militar, mas tornou-se crítico após a supressão de direitos em 1965 e a implementação do AI-5 em 1968. Mesmo sob pressão, a redação se recusou à autocensura, publicando conteúdo alternativo e defendendo seus jornalistas, independentemente de suas convicções políticas (MAYRINK, 2016).

Repórteres e redatores foram presos e, alguns, torturados pela repressão. Julio de Mesquita Neto e Ruy Mesquita defenderam seus funcionários, mesmo sabendo que eram de esquerda e que tinham militância política. Ninguém tinha de apresentar atestado ideológico para trabalhar na empresa. O *Estado* sempre tomou posição em defesa da democracia e da liberdade de imprensa (MAYRINK, 2016).

4.1.2 Jornal do Brasil

Já o “Jornal do Brasil”, fundado em 9 de abril de 1891, pouco tempo após a Proclamação da República, surgiu em um período conturbado na política brasileira. O veículo surgiu com um viés monarquista; no entanto, se manteve moderado e imparcial para evitar a repressão do governo.

Em maio de 1893, o Jornal do Brasil passou a ser dirigido por Rui Barbosa, um importante líder republicano. Com essa mudança de liderança, o jornal abandonou sua posição monarquista e adotou uma postura legalista em favor da República, ao mesmo tempo em que se opôs à ditadura do presidente Floriano Peixoto (FONSECA, 2008).

Desde o início, uma das características do veículo era buscar inovações no sentido empresarial, como a criação de uma seção destinada às mulheres ainda em 1893, e no ano seguinte o lançamento da coluna “Kinetoscópio”, que tinha o cinema como temática.

Em 1900, o jornal contava entre suas seções “Coisas da Política”; “Telegramas”, com muitas notícias internacionais recebidas das agências de notícias; “Queixas do Povo”, que trazia as reivindicações da população do Rio de Janeiro; “Folhetim Literário”; “Palcos e Salões”, com informações dos eventos culturais; “Seção Religiosa”; “Seção Forense”, “Sport”; publicava ainda, “Modinhas Populares”, com as letras das músicas; “A Bicharada”, com os palpites e resultados do jogo do bicho (FONSECA, 2008).

Além de cobrir notícias locais, o *Jornal do Brasil* também tinha um papel importante na divulgação de valores, imagens e elementos da cultura popular da capital da República, que eram absorvidos em todo o país devido à sua ampla distribuição. Como exemplo, o jornal registrava festas populares e religiosas, assim como o carnaval.

Em janeiro já começava a ser veiculada a seção “Carnaval”, ela informava quais eram os clubes carnavalescos e os preparativos para a grande festa popular. Durante os dias do carnaval, a capa e algumas páginas do miolo eram dedicadas à publicação da cobertura dos bailes e blocos. Em 1901, cada festa ou clube mencionado era acompanhado por uma ilustração representando elementos característicos do carnaval, o que motivou a criação de uma página repleta de pequenas notas. Nesses dias a seção de modas deixava de lado as novidades parisienses e apresentava acessórios para serem usados nos eventos carnavalescos. Isso ilustra como o jornal divulgava os eventos populares, irradiava as novidades e costumes da capital para todo o país (FONSECA, 2008).

Durante a reforma gráfica do *Jornal do Brasil* entre 1956 e 1962, foi criado um caderno exclusivo para anúncios classificados, que anteriormente ocupavam grande parte das páginas iniciais. Em setembro de 1960, Reinaldo Jardim, responsável por outros setores do jornal, convenceu a direção a criar um suplemento cultural, o Caderno B, argumentando que o jornal precisava de um espaço entre as notícias de atualidades e os classificados. O Caderno B logo se tornou um marco para a imprensa brasileira ao se dedicar exclusivamente a temas de cultura, artes, entretenimento e variedades. Com a criação do Caderno B, o jornal passou a oferecer um espaço único para críticas literárias e artísticas, que antes apareciam de maneira dispersa. Além disso, o Caderno B também abordava temas voltados ao público feminino (LIMA, 2006).

Em setembro de 2010, após uma longa crise e problemas de gestão financeira, o “Jornal do Brasil” encerra suas edições impressas, sendo disponível hoje apenas através da internet (LOBATO, 2010).

4.2 Análise das coberturas

4.2.1 Santos x Flamengo - Taça Brasil de 1964

Nos anos 1960, a imprensa brasileira passou por um processo de transformação e crescimento significativo, com a rádio desempenhando um papel crucial nesse cenário. Durante essa década, o futebol começou a ganhar mais espaço nas publicações e na mídia, refletindo o aumento do interesse popular. As emissoras de rádio se tornaram dos principais veículos de comunicação esportiva, proporcionando transmissões ao vivo de jogos e eventos, o que permitiu que os ouvintes acompanhassem as partidas em tempo real. As narrações e as análises dos comentaristas contribuíram para a popularização do esporte e, conseqüentemente, do jornalismo esportivo (BRETONES, 2010).

Diante disso, em 1964 foi realizada a final da Taça Brasil entre Santos e Flamengo, em formato de jogos de ida e volta, com o jogo de ida sendo realizado no dia 16 de dezembro e o jogo de volta no dia 19 do mesmo mês. Na ocasião, o Santos sagrou-se campeão após vencer o Flamengo pelo placar de 4 a 1, na primeira partida no Estádio do Pacaembu, e empatar em 0 a 0 na partida de volta, no Maracanã.

4.2.2 A cobertura da final pelo Estado de São Paulo

Na edição de 16 de dezembro do Estado de São Paulo, foi publicada uma matéria sobre o primeiro jogo da final, que seria realizada na noite daquele mesmo dia, e no início do texto é ressaltado o momento de cada equipe antes da partida, destacando que o Santos estava em um momento melhor por ter vencido a Portuguesa de Desportos pelo Campeonato Paulista e se consagrado campeão, e

que o Flamengo havia sido derrotado pelo Botafogo no campeonato estadual e perdido a chance de ser campeão carioca. Logo em seguida o texto abordou o possível desenrolar da partida.

O antagonismo das posições pode e deve influir no resultado da partida que envolve santistas e flamenguistas. De dois modos, como se fora uma faca de dois gumes: Primeiro, favorecendo o clube paulista dotando-o de ânimo, tranquilidade e confiança o bastante para habilitá-lo a vencer até com relativa facilidade; Segundo, movendo o grêmio guanabarino a lutar denodadamente por uma reabilitação, cuja obtenção poderia ser facilitada pelo eventual mau estado físico dos jogadores santistas, resultado nas comemorações da conquista do título paulista.

Pode-se observar que este trecho da matéria abordou algumas possibilidades do confronto, mas sempre dando ênfase na equipe do Santos, quando citado um cenário favorável, é em relação à equipe santista, e quando abordada uma possível complicação ao longo da partida, novamente o foco foi o time paulista, trazendo até mesmo uma justificativa para uma possível atuação abaixo do esperado, como o estado físico dos jogadores, e exaltando a conquista da equipe.

Logo depois, a matéria focou em dados técnicos, como a possível escalação de cada equipe para a final, e a campanha de Santos e Flamengo até a decisão, com mais linhas dedicadas ao Santos, compreensível pelo maior número de partidas que o Alvinegro teve até a final.

Por fim, é abordado no texto mais detalhes sobre cada time antes do jogo, mas com mais conteúdo em relação à equipe paulista, como a possível premiação que a diretoria do clube ofereceu ao Santos em caso de título, e diversos detalhes do treino, como o exercício feito, os jogadores que participaram do treino e quem marcou gols durante as atividades. No caso do Flamengo, foi citado o horário que a delegação carioca chegou no local e que o treinador Flávio Costa ordenou que a equipe treinasse antes da partida, sem grandes detalhes.

Na edição de 17 de dezembro, dia seguinte ao jogo de ida da final, o veículo destacou o resultado da partida, e abordou de forma detalhada o andamento do jogo, apenas com uma análise técnica dos melhores momentos entre cada equipe. Logo depois, teve uma parte do texto dedicada à reação dos jogadores de cada time no pós-jogo, dando maior foco à equipe santista e especificamente ao Pelé, que havia se destacado e marcado 3 gols.

Ao sair do Pacaembu, Pelé entrou em um automóvel, e um garoto que dele queria obter a todo custo um autógrafo, tanto que forçou o vidro do automóvel que acabou por quebrá-lo. Foi aí que Pelé desceu do carro, aproximou-se bem do garoto e lhe disse: “Não há nada guri. Eu pago o estrago. E tome lá o que você quer”. E Pelé assinou no caderninho do garoto. E se despediu com um tapinha no rosto sorridente do garoto.

Na publicação do dia 19 de dezembro, no dia do jogo da volta da decisão da Taça Brasil, o título da matéria foca na ótica da equipe santista antes da partida: “Empate dará ao Santos o título da Taça Brasil”. Fora isso, o restante da matéria apenas trouxe informações técnicas sobre cada equipe, como uma possível escalação, treino realizado antes da partida e possíveis desfalques, sem diferença de espaço dado entre Santos e Flamengo.

Figura 1: Edição de 19 de dezembro - Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Estadão

No dia seguinte, na publicação de 20 de dezembro com a confirmação do título do Santos, a matéria do Estadão novamente abordou de forma técnica e objetiva o andamento da partida, destacando certos lances do jogo e a escalação de cada equipe. Foi possível observar que em um trecho da matéria há uma exaltação natural em relação à equipe santista, justificada pelo título recém conquistado do

Santos: “A agremiação da Vila Belmiro dá a certeza de haver recuperado, pelo menos em grande parte, o futebol que lhe garantiu permanecer durante anos seguidos como o melhor do mundo”.

4.2.3 A cobertura da final pelo Jornal do Brasil

Na publicação de 16 de dezembro do Jornal do Brasil, pouco espaço foi dado à partida da Taça Brasil. O jogo que recebeu mais destaque foi a partida entre Bangu e Fluminense que iria ser realizada no mesmo dia no Campeonato Carioca. No entanto, a matéria do JB (redigida pela sucursal de São Paulo), abordou possíveis desfalques na escalação de cada equipe, e o provável time inicial de cada um. Após isso, foi possível notar uma seção dedicada a detalhar a ausência do jogador rubro-negro Osvaldo, que havia sofrido um acidente de carro e não poderia estar na partida, e como o treinador Flávio Costa lidou com o desfalque.

Na edição seguinte, após a vitória santista, o título da matéria foi feito na ótica do Santos, com destaque ao Pelé, que havia marcado 3 gols: “Pelé brilhou, fez três gols e Santos derrotou o Fla por 4 a 1”. Nesta publicação, a matéria escrita por Alcimar Rocha, trouxe uma breve análise da atuação de cada jogador das duas equipes, de maneira individual, com mais elogios aos jogadores do Santos e mais críticas aos jogadores do Flamengo, natural pelo resultado da partida e atuação de cada equipe. Também está presente na edição um resumo da partida de forma geral, com uma maior exaltação ao Pelé, justificada pela atuação do mesmo.

Na publicação do dia 19 de dezembro, dia da segunda partida da decisão da Taça Brasil, o destaque novamente foi a equipe santista. Mesmo que o veículo seja do Rio de Janeiro e o Flamengo o mandante da partida de volta no Maracanã, o título da matéria foi sob a ótica da equipe paulista: “Santos joga com Flamengo hoje e é tetra se empatar”. Ao longo da matéria, novamente o Santos foi exaltado, sendo citadas as conquistas da Taça Brasil.

Desde que foi surpreendido pelo Esporte Clube Bahia, na primeira vez em que a Taça Brasil foi disputada, o Santos nunca mais levou a pior numa série final pelo título brasileiro de clubes, sendo o atual tricampeão e estando agora a caminho de sua quarta conquista. Na segunda vez que o título esteve em jogo, o futebol paulista foi representado pelo Palmeiras,

ficando o Santos de fora. Depois, então, e quase sempre sem dificuldade, a hegemonia passou a ser sua.

Na edição seguinte, no dia 20 de dezembro, a matéria do Jornal do Brasil destacou a conquista do Santos logo no título: “Santos empata com o Fla e é tetracampeão”. Ao longo da matéria é possível notar que a primeira parte do texto novamente foi feita sob a ótica da equipe santista.

O Santos sagrou-se tetracampeão da Taça Brasil, ontem à noite, no Maracanã, ao empatar com o Flamengo por 0 a 0, numa partida em que as duas equipes correram muito, desde o princípio, e perderam boas oportunidades de gol, até o último minuto, tendo o Flamengo maior volume do jogo e o Santos mais serenidade para assegurar o resultado.

Após isso, praticamente o mesmo espaço foi destinado para cada equipe, tanto nos trechos que abordam a reação dos jogadores do Flamengo e do Santos com o resultado da partida, como na análise individual dos atletas de ambas as equipes.

4.2.4 Palmeiras x Botafogo - Taça Brasil de 1972

Durante os anos 1970, a televisão desempenhou um papel fundamental no contexto do jornalismo esportivo. Com a popularização da TV o futebol passou a ser transmitido em larga escala, e cada vez mais alcançando um público massivo. Nesse período houve a Copa do Mundo de 1970, a primeira transmissão ao vivo dessa competição, assim como os Jogos Olímpicos de Munique de 1972, televisionados pela primeira vez na televisão. Graças a isso, o jornalismo esportivo passou a permitir novas formas de análise através de debates esportivos e de mesas-redondas que passaram a ganhar popularidade neste período.

No ano de 1972, foi realizada a primeira transmissão televisiva a cores no país, quando a Rede Globo transmitiu a 12ª Festa da Uva de Caxias do Sul. Durante a Copa do Mundo de 1970, o sinal vindo do México já era colorido; no entanto, não havia televisores instalados no país que pudessem transmitir o sinal a cores, portanto, os jogos da competição foram transmitidos dessa forma em território

nacional apenas em eventos organizados pela Embratel, sendo algo restrito a uma pequena parcela do país (SIMON, 2020).

Diante desse contexto, Palmeiras e Botafogo protagonizaram a final do Campeonato Brasileiro de 1972, sendo realizada em partida única no dia 23 de dezembro no estádio do Morumbi, em São Paulo. Na ocasião, o Palmeiras sagrou-se campeão após empate em 0x0, por ter somado mais pontos que o adversário ao longo do campeonato.

4.2.5 A cobertura da final pelo Estado de São Paulo

Na edição de 23 de dezembro, logo de início o Estadão deu ênfase à vantagem que o Palmeiras tinha na decisão (que na ocasião poderia ser campeão apenas com um empate), demonstrando que a cobertura paulistana seria feita a partir do viés palmeirense, e o Botafogo sendo tratado como o “outro”, o antagonista naquele contexto. Em seguida, foi enfatizada a tranquilidade da equipe paulistana e da torcida do Palmeiras, e trazendo um possível cenário de comemoração do título que ainda não havia sido conquistado:

Termina o jogo e o Palmeiras é o novo campeão nacional. Os palmeirenses, que não chegaram a lotar o estádio, estão comemorando mais um título conquistado pela sua equipe. Duas horas depois, cada um já está em sua casa e apenas alguns mais fanáticos estão no Parque Antártica, ainda festejando a conquista. A probabilidade de que isso aconteça hoje talvez seja maior do que qualquer outra.

Após isso, a exaltação à equipe do Palmeiras (mesmo antes de começar o jogo) se manteve, com o jornal citando as conquistas mais recentes do clube e como o time estava habituado a grandes decisões. A publicação manteve a ênfase no Palmeiras, abordando novamente a vantagem do empate da equipe paulista. A edição ainda dedicaria uma parte da página ao jogador Ademir da Guia, ídolo do Palmeiras e jogador histórico do clube, que na ocasião seria campeão do torneio:

Hoje, quando começar a final contra o Botafogo, não será preciso um grande esforço para se saber quais serão as chances reais do Palmeiras. É só observar Ademir da Guia durante uns 10 ou 15 minutos. Se ele estiver bem, o Palmeiras tem 90% de chances de ganhar a partida. Se estiver mal, acontece exatamente o contrário. Assim tem sido há 10 anos e assim será, fatalmente até que ele saia do time.

Na página seguinte, o foco foi a equipe do Botafogo e uma possível estratégia do treinador botafoguense para a partida. No entanto, a cobertura do Botafogo teve poucas exaltações e com grande foco nos pontos negativos da equipe, como os desfalques do time e um trecho focado em abordar a situação financeira do clube:

O Botafogo é um dos clubes que se encontram em pior situação financeira: suas dívidas sobem a 5 milhões de cruzeiros, quase todas com bancos da Guanabara. Por isto, em qualquer jogo do time, no Rio, 80 por cento da sua quota fica retida. O clube tem muitas dificuldades para pagar os ordenados dos jogadores.

Na edição seguinte (24 de dezembro), é possível observar na primeira página uma abordagem mais “neutra” do veículo em relação aos dois finalistas, e uma ênfase em como a partida se desenrolou, com quase nenhuma exaltação ao time campeão, ao contrário da edição anterior.

Figura 2: Edição de 24 de dezembro - Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Estadão

Na página seguinte, a publicação voltou a exaltar a equipe palmeirense, mas através de uma abordagem extremamente técnica e objetiva, apenas citando estatísticas e analisando a atuação de jogadores palmeirenses durante o campeonato e durante a decisão.

Figura 3: Edição de 24 de dezembro - Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Estadão

4.2.6 A cobertura da final pelo Jornal do Brasil

Na edição do dia 23 de dezembro, o Jornal do Brasil apresentou um enquadramento noticioso focado no Botafogo, com o texto sendo feito a partir do viés do clube carioca, tal qual o Estadão na cobertura do Palmeiras. Particularmente nesta edição, a cobertura se iniciou citando a semifinal do Campeonato Brasileiro de 1971, na qual o Botafogo se sobressaiu em relação ao Palmeiras, lembrando os momentos marcantes da partida.

A publicação também trouxe um histórico do confronto entre as duas equipes nos últimos 22 anos, ainda que o Palmeiras tivesse mais vitórias que o Botafogo nas estatísticas apresentadas. Ainda na primeira página, há uma crônica feita por Armando Nogueira sobre os dois clubes, citando pontos fortes das duas equipes sem distinção.

A ficha atualizada do Palmeiras pode ser assim resumida: No turno eliminatório, foi ele, sem a menor dúvida, o time mais regular e o mais brilhante. O time do Botafogo, ao contrário, vem apurando virtudes desde a arrancada da eliminatória. Quando não joga tecnicamente bem, descobre então, ânimo inesgotável para lutar sem dar trégua ao adversário.

Na página seguinte, o veículo apresentou mais estatísticas acerca das duas equipes, como o número de vitórias, empates e derrotas na temporada, os resultados de cada clube, e artilheiros de cada lado. Ao lado, foi abordado o regulamento sobre a decisão e a necessidade do Botafogo vencer a partida para ser campeão (o empate daria o título ao Palmeiras). Por fim, foi apresentado uma possível escalação de Botafogo e Palmeiras para a partida, os desfalques da equipe carioca, e a estratégia adotada pelo treinador para a decisão.

No dia seguinte, foi publicada a matéria sobre o vice-campeonato do Botafogo para o Palmeiras, com o título de “Botafogo empata e dá título nacional ao Palmeiras”. O título é centrado no Botafogo, e ao invés de destacar diretamente a conquista do Palmeiras, o título sugere que o time carioca possa ter "cedido" o título ao empatar, o que pode soar como uma forma de minimizar a atuação do campeão. O Palmeiras, que conquistou o título, parece quase um "coadjuvante" no relato, com a narrativa girando em torno da decepção botafoguense. Na publicação também há um trecho dedicado a falar sobre a reação dos jogadores botafoguenses no fim da partida, e também a crônica de Armando Nogueira exaltando a conquista do Palmeiras, mas não deixando de destacar a campanha do Botafogo:

O Palmeiras está de faixa; é o grande campeão do Brasil, na temporada de 72. Um título que sua equipe conquistou, não ontem, mas certamente ao longo de uma campanha incomparável em números e em brilho técnico. Nada pode desmerecer a consagração do Palmeiras, pois o empate exalta também uma de suas maiores qualidades: a cautela que Ademir da Guia encarna como ninguém. Ao Botafogo, as honras de uma arrancada realmente bonita, quando virtualmente despedido do campeonato, explodiu em quatro ou cinco partidas, jogando um futebol ao mesmo tempo empolgante e vistoso.

Em seguida, o restante da cobertura trouxe apenas um resumo da partida, uma análise sobre cada jogador de ambas as equipes, sem nenhuma diferença notável na avaliação de cada equipe.

4.2.7 Flamengo x Santos - Campeonato Brasileiro de 1983

A partir dos anos 1980, com a televisão consolidada como meio de comunicação, o jornalismo esportivo passa a buscar ainda mais a precisão em

matérias e coberturas esportivas, ao contrário do que era comum em décadas anteriores, com a popularidade das crônicas esportivas e das prosas nos jornais impressos.

Nos anos 1950, prosas e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos. Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos. Contudo, dos anos 1980 ao começo dos anos 1990, a precisão ganhou espaço e tornou o esporte quase frio. O compromisso com a verdade jornalística contribui para que a linguagem se torne mais descritiva (BARBEIRO, 2006, p.55).

A década também marcou a introdução de novas tecnologias, como o uso de computadores para estatísticas, o que mudou a forma de apuração e apresentação das informações.

Diante disso, em maio de 1983 foi realizada a final do “Campeonato Brasileiro”, com a final sendo disputada por Flamengo e Santos, a primeira partida foi realizada no estádio do Morumbi no dia 22 de maio, com vitória do Santos por 2 a 1, e o jogo de volta sendo realizado no dia 29 de maio no Maracanã, com vitória do Flamengo por 3 a 0.

4.2.8 A cobertura da final pelo Estado de São Paulo

Na edição de 22 de maio, o Estadão iniciou a cobertura da partida que iria acontecer naquela tarde. Na primeira página, o título era “O Santos no ataque contra o Flamengo”, mostrando que a cobertura naturalmente seria feita sob a ótica do time santista, e logo de início um trecho destacando a preparação de cada equipe e das torcidas para a partida, com a possível escalação de Santos e Flamengo ao lado.

Abaixo disso, o veículo separou de forma simétrica os temas relacionados aos dois clubes. No entanto, é possível notar que o trecho dedicado ao Santos envolve assuntos que podem ser considerados positivos: o primeiro exalta a confiança da torcida santista para a partida e um descontentamento de Formiga (treinador do Santos na ocasião) e de um dirigente santista (não identificado pelo jornal) em relação a uma possível preferência da TV Globo em relação a Carlos

Alberto Torres (ex-jogador da seleção de 1970 e treinador do Flamengo naquela ocasião).

Formiga participou do programa direto dos estúdios da emissora em São Paulo e se sentiu prejudicado por não ter tido a oportunidade - segundo sua opinião - de debater com o técnico adversário ou mesmo de expor com mais detalhes suas opiniões e falar sobre o Santos: - E nem poderia ser diferente - comentou um dirigente santista. - Pois esse tal de Márcio Guedes (comentarista da Globo, que entrevistava Carlos Alberto, nos estúdios do Rio) é um fanático torcedor do Flamengo e acaba misturando as coisas. Mas ele e outros, que têm o hábito de menosprezar o futebol paulista, vão ser obrigados a engolir o Santos. Esse título será nosso. (Dirigente anônimo)

Ainda no trecho dedicado ao Santos, está presente também um destaque ao jogador Lino, que pertencia ao Flamengo e havia sido emprestado ao Santos, sobre a possibilidade de o jogador ter boa atuação diante da equipe carioca.

Em relação ao Flamengo o veículo enfatizou os desfalques que a equipe rubro-negra teria para a partida, e apesar do corpo do texto não ser focado em um ponto negativo (pois destacou a tranquilidade do elenco e sua preparação às vésperas da decisão), o título “No time do Rio, dois problemas” pode transmitir um tom negativo e não condizer com o restante da matéria, principalmente em comparação com o título “No treino, o grito: É campeão!” da matéria relacionada ao Santos.

Em outra matéria, o veículo falou sobre José de Assis Aragão, árbitro da primeira partida que havia sido escolhido pela Federação Paulista, e destacou uma suposta imparcialidade do juiz, defendendo o mesmo de uma possível crítica em relação ao fato dele ter sido escolhido pela federação de São Paulo em uma partida que envolvia um time paulista.

O temperamental Aragão - um árbitro muito técnico, mas às vezes impulsivo - só não admite insinuações sobre as influências que pode receber pelo fato de ser contratado pela Federação Paulista e apitar um jogo em que está envolvido o Santos. Ele rejeita qualquer possibilidade de se sentir constrangido e considera esse tipo de comentário apenas uma alternativa de se tentar coagir o árbitro: - Quando entro em campo, não olho a que estado do país pertencem os times. Vou para apitar de acordo com minha consciência e dentro das regras internacionais (Página 42).

Ao lado desta matéria, o veículo destacou a personalidade explosiva de Dunshee de Abranches, presidente do Flamengo naquela ocasião, e ainda citou o descontentamento do dirigente com Arnaldo César Coelho, árbitro escolhido para a decisão no jogo de volta no Maracanã.

Só os que não conhecem de perto o presidente do Flamengo, Dunshee de Abranches, surpreendem-se com suas declarações, acusações e denúncias. Aqueles que acostumaram-se a conviver com ele, conhecendo seu carisma e seu temperamento explosivo, tanto como advogado ou jornalista do Jornal do Brasil, ou como representante do Flamengo na Federação de Futebol do Rio de Janeiro, sabem que suas atitudes não são inconsequentes, embora sempre passionais e violentas (Página 42).

Na edição seguinte, no dia 24 de maio, o veículo destacou a determinação da equipe santista para conquistar o título nacional, e ainda citou um possível descontentamento do Santos com a atuação do árbitro José de Assis Aragão, antes defendido pelo veículo. Além disso, foi citado um trecho do regulamento da competição, mostrando o que era necessário para o Santos ser campeão.

Em relação ao Flamengo, o veículo destacou a irritação de Zico sobre a violência presente no estádio do Morumbi, e também abordou a confiança do jogador rubro-negro para a decisão.

“Se eu fosse torcedor do Santos, não me arriscava a ir ao Maracanã”. A frase é de Zico, em tom irritado, ao comentar ontem na Gávea o que aconteceu com a sua mulher, Sandra, e ao grupo de jogadores do Flamengo anteontem no Morumbi. Segundo Zico, “Sandra quase levou uma garrafada na cabeça” no incidente em que foi atingido Samir de Souza, primo do técnico Carlos Alberto Torres. [...] Depois, já mais calmo, Zico achou justa a vitória do Santos, mas garantiu que o Flamengo “será campeão e sem necessidade de prorrogação”.

Além disso, mais duas matérias relacionadas ao Flamengo, a primeira abordando o desfalque do zagueiro Mozer após uma cirurgia. A segunda, sobre o atrito entre o Flamengo e Pelé, após declarações do ex-jogador sobre a proposta do futebol italiano por Zico.

Figura 4: Edição de 24 de maio - Estado de São Paulo

Mozzer é operado e está fora

Mozzer nem precisou aguardar o julgamento do Tribunal Especial da CBF, previsto para hoje, para saber se seria afastado do time do Flamengo. Ontem às 10h30 ele sofreu cirurgia no malar esquerdo e está fora do futebol por três semanas.

A cirurgia foi decidida ontem à noite, quando a delegação do Flamengo chegou ao Rio e o jogador mostrava grande hematoma no lado esquerdo do rosto, logo abaixo do olho. Em uma clínica especializada próxima ao Maracanã foi feita uma radiografia, que acusou fratura do osso malar esquerdo. A operação não foi realizada porque o jogador comeu quatro sanduíches após o jogo contra o Santos e teria de tomar anestesia geral.

Mozzer ficou repousando na clínica até ontem pela manhã, quando foi levado ao centro cirúrgico. A todo momento perguntava se poderia jogar no domingo e recebia um "sim" tranquilizador como resposta, já que estava tenso e nervoso. A cirurgia demorou uma hora e o jogador está em recuperação, só devendo deixar a clínica amanhã.

Para o médico Itay Lessa, "Mozzer não tem a menor condição de jogar domingo", pois a região atingida é muito sensível e se o jogador sofrer outro traumatismo sem se ter formado o osso "poderá até ter problemas no olho esquerdo". O médico explicou que o osso atingido é o que sustenta o olho e que Mozzer só poderá treinar dentro de três semanas. Nos próximos sete dias o jogador não poderá fazer nenhum esforço. Depois, deverá iniciar exercícios leves.

Os jogadores do Flamengo ficaram abalados com a notícia e ontem visitaram o companheiro na clínica. Todos lembravam o caso de Rondinelli nas finais da Taça de Ouro de 80, quando sofreu fratura do malar na primeira partida contra o Atlético, em Minas. No segundo jogo, no Maracanã, Adílio leu mensagem de Rondinelli, que comoveu o time. Antes de entrar em campo, todos se deram as mãos e prometeram o título ao companheiro contido. E cumpriram. Agora, diz o médico Célio Cotéchia que, "se a história se repetir, o Flamengo será campeão".

Pelé, mais atritos na Gávea

Enquanto na Gávea os flamenguistas estudam a proposta de US\$ 1,7 milhão por Zico, oferecido pelo Roma, na capital italiana Pelé aconselhou os italianos a não se interessarem pelo passe do jogador, afirmando que, além de ele ganhar muito dinheiro no Brasil, não se adaptaria ao duro futebol da Itália. Pelé, contudo, defendeu a permanência de Falcão no Roma, a quem considerou como "o maior médio-volante do mundo".

Com essa intervenção, Pelé passou a novo ponto de atrito com os flamenguistas, já que, anteriormente, no Maracanã, o técnico Carlos Alberto Torres fez surpreendente revelação, acusando o ex-companheiro de mentiroso e admitindo que é mercenário. O técnico do Flamengo questionou-se de que Pelé não fora ao seu jogo de despedida, alegando que teria de fazer um filme em Los Angeles, assegurando que "foi tudo mentira" e "se ele pedisse dinheiro para jogar eu daria". A revelação de Carlos Alberto se

deve à presença, já confirmada, de Pelé na despedida do alemão Paul Breitner.

A rixa, entretanto, já vem de algum tempo, pois durante toda a semana passada Carlos Alberto manifestou que Pelé é "pé-frio", fazendo alusão no telegrama que o ex-jogador santista enviara à Vila Belmiro, desejando boa sorte ao time de Formiga. Carlos Alberto ironizou, lembrando que "toda vez que Pelé age assim dá azar. Isso é bom".

A revelação de Carlos Alberto causou surpresa, embora nada tenha a ver com a sua ausência numa das despedidas de Pelé (a de Vila Belmiro), quando ele não compareceu, deixando apenas um recado, escrito com giz, no armário do jogador santista: "Gostaria muito de estar presente à despedida do maior jogador do mundo". Agora, o técnico flamenguista desabafo:

— Estou com o Pelé atravessado na garganta.

Fonte: Acervo Estadão

Na edição de 29 de maio, dia do segundo jogo da final, o veículo novamente seguiu o padrão de separar as páginas simetricamente, destacando de forma igual cada uma das equipes, com três matérias no centro com temas em comum entre cada clube, na primeira, um breve panorama sobre a partida, abordando o que cada clube precisava para conquistar o título e seus possíveis desfalques. Na segunda matéria, um destaque ao árbitro Arnaldo César Coelho, falando sobre a trajetória do juiz, e citando além disso a insatisfação de Dunshee de Abranches pela escolha do árbitro para a partida. E por fim, na matéria seguinte, foi abordado o esquema de segurança organizado pela polícia militar para a partida.

Em relação às matérias dedicadas a cada um dos dois clubes, a primeira, sobre o Santos, destaca a confiança do elenco santista para a decisão, a segunda, um foco em Formiga, treinador do Santos na final e sua preparação para a partida. Já nas matérias do Flamengo, um padrão parecido, relatando a forma que o Flamengo iria jogar contra o Santos na decisão, e abaixo um foco em Carlos Alberto Torres, treinador do Flamengo e sua preparação para a partida decisiva.

Na página seguinte, novamente o mesmo padrão simétrico adotado pelo veículo, com 7 matérias, sendo três para cada clube, com duas de cada lado trazendo breves resumos sobre cada jogador dos dois clubes, e uma para cada equipe trazendo um depoimento de jogadores aposentados que fizeram história em Santos e Flamengo, e uma matéria no centro dedicada apenas ao Santos com o título de “A ‘invasão é o grande sonho dos santistas”.

Nas matérias dedicadas aos jogadores, o veículo traz um resumo sobre a temporada esportiva de cada jogador das duas equipes. No entanto, é possível notar que apenas em relação aos jogadores flamenguistas existem comentários negativos sobre suas atuações recentes, algo que não é observado no resumo dos jogadores do Santos:

“Leovegildo Lins Gama Júnior - Um dos melhores jogadores do país, mas que demonstra uma autoconfiança irritante e que chega a prejudicar o time certas vezes”.

“Adílio de Oliveira Gonçalves - Seus dribles são curtos e desconcertantes. Mas não marca ninguém e nem demonstra garra”.

“Arthur Antunes Coimbra (Zico) - Aos 30 anos, ainda é o melhor atacante do país. [...] Mas Zico não está numa grande fase e há muito tempo não marca gols de falta, uma das suas especialidades”.

Figura 5: Edição de 29 de maio - Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Estadão

Na edição seguinte, no dia 31 de maio, após a conquista do Flamengo, o veículo deu destaque aos passos que o Santos seguiria após o vice campeonato, entretanto, a perda do título é citada apenas em segundo plano, sem dar muitos detalhes ao longo do texto, visto que a matéria com o título de “Agora, o Santos vai contratar e já promete vencer ‘Libertadores’” ao menos cita a derrota sofrida para o Flamengo, e nos primeiros parágrafos da matéria também há poucos detalhes sobre o revés sofrido pela equipe santista, como o placar final da partida, que não é mencionado.

Mais investimento no futebol com novas contratações; excursões ao exterior; conquista de título internacionais e construção de um novo estádio; estes os objetivos a médio e a longo prazo do Santos, que amanhã volta a disputar o Campeonato Paulista em ambiente de desânimo com a derrota para o Flamengo, anteontem, na decisão da Taça de Ouro. A própria torcida santista, sempre exigente, aceitou a derrota sofrida no Maracanã, procurando projetar a esperança, agora para a disputa da Taça Libertadores. O vice-presidente de futebol Milton Teixeira já adiantou que ‘o Santos será campeão da Libertadores’.

Em relação ao Flamengo, o veículo destaca a conquista da equipe e os planos do clube para as próximas temporadas, em um espaço menor, e novamente sem grandes detalhes. Os detalhes da partida são mencionados em uma matéria ainda menor, com o título de “Os méritos do campeão”, desta vez com os melhores momentos da partida sendo citados.

Figura 6: Edição de 31 de maio - Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Estadão

4.2.9 A cobertura da final pelo Jornal do Brasil

Na edição de 22 de maio do Jornal do Brasil, o foco da primeira página foi uma exaltação à temporada dos jogadores Serginho (Santos) e Zico (Flamengo), destaques de ambas as equipes, sendo um foco maior no jogador santista, que foi o primeiro jogador mencionado na matéria e que recebeu uma charge de homenagem na página. A matéria também destacou a vantagem rubro-negra no histórico do confronto entre as duas equipes, e a preparação de Flamengo e Santos para a decisão.

Figura 7: Edição de 22 de maio - Jornal do Brasil



Fonte: Hemeroteca Digital

Na mesma edição, o histórico do confronto entre os dois times é novamente mencionado, mas dessa vez com mais detalhes e a partir da ótica santista, visto que o texto foi feito pela sucursal de São Paulo, que ressaltou a vantagem da equipe santista no número de gols marcados no confronto e ainda citou uma partida de 1967 pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, na qual o Santos saiu vitorioso. Ainda com a cobertura feita em parte pela sucursal paulista, o veículo abordou as expectativas da decisão sob a ótica da equipe e do treinador santista, com o seguinte título: “Formiga considera o jogo verdadeira guerra”.

Na edição do dia 23 de maio, a capa do Jornal do Brasil destacou o resultado da partida sob a perspectiva do time carioca, com a manchete de “Flamengo perde e não terá Mozer na final”, e na imagem escolhida para a capa, a fotografia do gol do Flamengo, mesmo que a equipe tenha sido derrotada por 2 a 1.

Na seção de esportes, o veículo abordou o desfalque do jogador Mozer para a partida de volta da decisão, e ainda na mesma página e feita pela sucursal paulista, foi destacado o otimismo do elenco rubro-negro para a decisão após a derrota no primeiro jogo. Na página seguinte, a sucursal paulista exaltou a torcida santista, por estar em maior número e pela festa na arquibancada ao longo da partida.

A entrada do Santos em campo foi uma coisa de emocionar qualquer torcedor. Fogos e papéis picados e enrolados marcaram a saudação aos jogadores. Do outro lado estava a torcida do Flamengo, que embora em menor número tentou de todas as formas se igualar a do Santos, o que realmente não podia acontecer. Mesmo assim, quando Zico, cercado de vários garotos, subiu o túnel, houve uma explosão de fogos e muito papel picado [...] Mas bonito mesmo foi no momento dos gols. E coube ao Santos a primeira vibração: Pita aproveita um rebote da defesa do Flamengo e marca. Nas arquibancadas do Morumbi só se viam as bandeiras preto e branco. A torcida do Flamengo, a partir daí ficou quieta. Nem mesmo a colaboração de alguns torcedores do Corinthians ajudou a incentivar o time.

Figura 8: Edição de 23 de maio - Jornal do Brasil



Fonte: Hemeroteca Digital

Na edição de 29 de maio, a seção de esportes do Jornal do Brasil destacou o entusiasmo do Flamengo e de sua torcida para a partida que aconteceria mais tarde naquele dia, com a manchete de “Flamengo aposta na raça e na paixão”, o texto da matéria exaltou a confiança da torcida flamenguista e o ambiente de festa no Rio de Janeiro.

O Flamengo mais uma vez, chega à final do Campeonato Nacional como representante do Rio de Janeiro. Dono da maior e da mais apaixonada torcida do estado, enfrenta o Santos necessitando vencer por diferença de dois gols no tempo regulamentar para conquistar o bicampeonato [...] O Rio está em festa. Não que os cariocas, torcedores de outros clubes estejam solidários ao Flamengo. Mas porque sua torcida é imensa e vibrante suficientemente para enfeitar a cidade com as cores rubro-negras.

Na página seguinte foi mencionado o possível esquema tático que o treinador do Flamengo usaria para a partida, e na mesma página, uma matéria descontraída

sobre as apostas feitas pelos torcedores do Flamengo em relação à decisão. Em seguida, o veículo dedicou uma página inteira para abordar a preparação de Flamengo e Santos para o confronto.

Na edição do dia 30 de maio, após o título nacional do Flamengo, o Jornal do Brasil deu grande destaque à conquista, com o tema ocupando toda a capa da edição com a manchete de “Rio faz festa com bicampeonato do Flamengo”, além disso, a vitória do clube foi mencionada em outras páginas do veículo além da seção de esportes, abrindo uma exceção, pois todas as matérias relacionadas a futebol até aquele momento eram publicadas apenas na seção de esportes, desta vez, a reportagem esteve presente na seção de cidades, exaltando a comemoração da torcida rubro-negra após a partida, ocupando toda a página.

Figura 9: Edição de 30 de maio - Jornal do Brasil



Fonte: Hemeroteca Digital

Na seção de esportes, três páginas foram dedicadas a abordar a decisão. Na primeira, foi citada a comemoração da torcida no Maracanã, um trecho exaltando o jogador Adílio por sua atuação na partida e uma homenagem ao clube, o parabenizando pela conquista.

Na segunda, um destaque para a confusão entre os jogadores do Santos, a imprensa e jogadores do Flamengo, que ocorreu no fim do jogo e que recebeu o título de “Santos desesperado parte para a agressão”. Ao lado novamente um destaque para a torcida flamenguista, com o título da matéria de “Também em torcida deu mais Flamengo”.

Na terceira, um grande destaque ao número de torcedores santistas no Rio de Janeiro e à frustração deles após o resultado. E ainda na página, uma charge em tom de provocação, e uma publicidade também provocativa fazendo referência ao animal mascote do Santos (peixe): “Prato do dia: Peixe à carioca. Nunca um peixe foi tão saboreado como agora. A caderneta de Poupança Residência, agora Caderneta Comind, faz a festa com você. Mengão campeão. Esse cardápio não pode mudar”.

4.3 Teoria do enquadramento aplicada nas coberturas analisadas

Desenvolvido pelo sociólogo Erving Goffman, o conceito de enquadramento foi utilizado por diversos autores para analisar e estudar a forma em que as notícias são redigidas e apresentadas.

Em um noticiário, por exemplo, quem constrói essa realidade e a organiza em notícias é o jornalista. Essa ordenação consciente dos fatos pelo jornalista nem sempre é compreendida pelos leitores. [...] Em linhas gerais, a organização de determinados termos pode ser chamada também de enquadramento, ou seja, o jornalista opta por enquadrar um fato de uma determinada forma e não de outra, enfocando assim uma parte da realidade em detrimento de outra (LEAL, 2007).

Para aplicar a teoria do enquadramento e analisar cada cobertura, os critérios escolhidos foram: Seleção e exclusão de informações, observando (1) quais informações foram destacadas e quais foram omitidas; (2) o uso de adjetivos e linguagem utilizada; (3) ênfase e o detalhamento das coberturas; (4) a quantidade de espaço dedicado a cada equipe;

4.3.1 Cobertura da Taça Brasil de 1964 (Santos x Flamengo)

O "Estado de São Paulo" destacou o momento favorável do Santos, que havia vencido a Portuguesa e se consagrado campeão paulista, enquanto o Flamengo vinha de uma derrota para o Botafogo. Essa seleção de informações enfatiza a confiança e a superioridade do Santos para o jornal, criando uma narrativa que favorece o time paulista.

A linguagem utilizada pelo "Estado de São Paulo" pode ter sido mais positiva em relação ao Santos, utilizando adjetivos que ressaltavam a confiança e a habilidade do time. Por outro lado, a descrição do Flamengo pode ter sido mais neutra ou negativa em certos momentos.

Além disso, a cobertura do "Estado de São Paulo" parece ter dado mais ênfase ao Santos de modo geral, detalhando suas conquistas recentes e a moral elevada da equipe. Em contraste, a cobertura do Flamengo pode ter sido mais superficial, focando em suas dificuldades e na pressão que a equipe enfrentava, revelando um claro viés em favor do Santos, com uma seleção de informações que enfatiza suas conquistas e um uso de linguagem que reforça sua superioridade naquele momento da temporada.

Em relação ao "Jornal do Brasil", o veículo dedicou menos espaço à partida da Taça Brasil em comparação com outras partidas de futebol, como a partida entre Bangu e Fluminense, que recebeu mais destaque na edição de 16 de dezembro. Indicando uma possível escolha editorial no qual o enquadramento noticioso priorizava outros jogos em detrimento da final, dando menor importância ao confronto entre Santos e Flamengo naquele momento.

Mesmo sendo um jornal carioca, na cobertura da vitória do Santos, o "Jornal do Brasil" utilizou uma linguagem que exaltava a equipe santista, especialmente ao destacar a atuação de Pelé, que marcou três gols. A escolha de palavras e a ênfase na performance de Pelé e na conquista do título pelo Santos demonstram um viés positivo em relação ao time paulista. Assim como na análise da atuação dos jogadores feita de maneira individual, com mais elogios aos atletas do Santos e críticas aos do Flamengo.

Portanto, o "Jornal do Brasil" pareceu ter um viés que favorece o Santos, especialmente após a conquista do título. A cobertura não apenas destacou a vitória, mas também contextualizou a importância do resultado para a equipe,

mencionando a recuperação do futebol do Santos e sua posição histórica no cenário esportivo.

Ao comparar a cobertura dos dois veículos, foi possível notar que o "Estadão" pode ter adotado uma abordagem mais analítica e focada em estatísticas, enquanto o "Jornal do Brasil" priorizou a narrativa emocional e a exaltação do Santos, ainda que as duas coberturas tenham dado mais ênfase e destaque ao Santos.

4.3.2 Cobertura do Campeonato Brasileiro de 1972 (Palmeiras x Botafogo)

Na edição de 23 de dezembro, o Estadão enfatizou a vantagem do Palmeiras, que poderia ser campeão apenas com um empate. Essa escolha de destacar a posição do Palmeiras pode sugerir um viés favorável ao clube paulista, apresentando-o como o "protagonista" da narrativa e com o Botafogo sendo tratado como o "antagonista". Na mesma edição é possível notar que quando o Botafogo se tornava o foco da cobertura, eram destacados mais pontos negativos do time, como os desfalques da equipe e a situação financeira na qual o clube se encontrava naquela ocasião.

Na edição seguinte, no entanto, a cobertura se tornou mais neutra, focando no desenrolar da partida e evitando exaltações ao time campeão, o que pode indicar uma tentativa de equilibrar a narrativa. E quando havia uma exaltação e elogios ao time paulista, vinha de forma mais técnica e objetiva, apenas focando em estatísticas e nas atuações de jogadores palmeirenses. Essa mudança na abordagem pode ser vista como uma tentativa de oferecer uma cobertura mais equilibrada após a partida.

A cobertura inicial parece ter dado mais espaço ao Palmeiras, refletindo a sua posição de vantagem, enquanto a edição subsequente buscou equilibrar a cobertura, mas ainda assim, a análise técnica focou mais nos jogadores do Palmeiras. Isso pode indicar uma preferência editorial que, mesmo ao tentar ser neutra, ainda reflete uma valorização do time vencedor.

No caso do Jornal do Brasil, o veículo adotou uma abordagem que privilegiou o Botafogo, começando a cobertura com uma referência à semifinal do Campeonato Brasileiro de 1971, onde o Botafogo havia se sobressaído em relação ao Palmeiras. Essa escolha de destacar o histórico recente do Botafogo sugere uma tentativa de construir uma narrativa que favorecesse o clube carioca, ao invés de focar diretamente na vantagem do Palmeiras na decisão.

Assim como a linguagem utilizada pelo Jornal do Brasil parece ter sido mais favorável ao Botafogo, dando ênfase em momentos marcantes e na trajetória do time. Essa escolha de palavras e a forma como os eventos foram narrados podem contribuir para criar uma imagem positiva do Botafogo, mesmo diante da derrota. Especialmente no título da matéria “Botafogo empata e dá título nacional ao Palmeiras” na edição de 24 de dezembro, que pode transmitir a ideia de que o Botafogo “cedeu” o título ao adversário, minimizando os méritos do Palmeiras na conquista.

O Jornal do Brasil também parece ter dedicado mais espaço à cobertura do Botafogo, o que naturalmente pode refletir uma escolha editorial que prioriza a narrativa do clube carioca. Ao contrário da cobertura do Estado de São Paulo, que inicialmente favoreceu o Palmeiras.

É possível notar nas duas coberturas que enquanto o Estado de São Paulo enfatizou a vantagem do Palmeiras, apresentou o Botafogo como um coadjuvante na narrativa, o Jornal do Brasil adotou uma perspectiva mais favorável ao Botafogo durante a cobertura.

4.3.3 Cobertura do Campeonato Brasileiro de 1983 (Flamengo x Santos)

Na cobertura feita pelo Estado de São Paulo, foi possível notar um enquadramento noticioso que visava enfatizar a perspectiva do Santos, especialmente em sua cobertura inicial. O título "O Santos no ataque contra o Flamengo" pode sugerir uma inclinação editorial que favorece a equipe santista, e criar, assim como na cobertura anterior, uma posição de protagonismo do Santos na narrativa apresentada.

Também esteve presente na cobertura feita pelo Estadão, comparações entre as duas torcidas na primeira partida, exaltando a torcida santista e destacando sua superioridade em relação aos torcedores rubro-negros presentes no estádio do Morumbi.

A ênfase e o nível de detalhamento nas coberturas de certa forma estiveram equilibrados, principalmente em edições nas quais o Estado de São Paulo organizou as páginas de maneira simétrica, dedicando espaço igual a ambos os clubes, no entanto, a narrativa continuou a ser influenciada pela perspectiva santista. A inclusão de matérias que abordavam pontos negativos do Flamengo também serviu para contextualizar a partida de uma forma que poderia ser vista como desfavorável ao time carioca.

O principal exemplo disso foi a edição de 29 de maio, em que o veículo trouxe um breve resumo de cada jogador das duas equipes, mesmo que o espaço destinado a Santos e Flamengo fossem iguais, a linguagem utilizada e o teor das análises individuais pendiam para a ótica da equipe paulista, pois era notório que jogadores do Santos não recebiam comentários negativos, omitindo possíveis aspectos negativos dos jogadores santistas, ao contrário dos atletas do Flamengo, que receberam diversas análises com poucos elogios, destacando seus pontos negativos.

Além disso, a derrota do Santos foi tratada de forma mais discreta, com o destaque sendo a promessa de vitória na Libertadores na temporada seguinte. Isso pode indicar uma estratégia de desviar a atenção do resultado negativo para outros assuntos relacionados ao clube, omitindo detalhes da partida e o cenário desfavorável para a equipe santista, e também não citando os méritos da equipe campeã.

No caso do Jornal do Brasil, o veículo focou principalmente nos destaques dos jogadores Serginho (Santos) e Zico (Flamengo), ambos sendo exaltados. No entanto, a menção a Serginho foi mais proeminente, que foi o primeiro a ser mencionado e recebeu uma charge em sua homenagem, mesmo que fosse um

jornal carioca. Após a derrota do Flamengo no primeiro jogo da final, o título “Flamengo perde e não terá Mozer na final” parte da ótica do time carioca, e apesar da derrota do Flamengo, a imagem escolhida para a capa foi a do gol do time carioca, o que revela uma escolha editorial que enfatizava o lado carioca, mesmo que o Santos tivesse vencido a primeira partida.

Na edição referente ao título do Flamengo, o jornal optou por usar termos mais provocativos, especialmente com a charge e a publicidade sobre o "Peixe à carioca", em referência ao Santos. Isso pode demonstrar o uso de linguagem não apenas informativa, mas também editorial, com um tom de provocação e celebração da vitória flamenguista. Além disso, assim como na cobertura feita pelo Estadão, a comparação entre as duas torcidas acontece novamente, com o Jornal do Brasil exaltando a torcida do Flamengo no Maracanã, e destacando a superioridade da torcida rubro-negra em relação à torcida santista.

Neste contexto de celebração, a vitória do Flamengo foi amplamente celebrada e ocupou a capa do jornal no dia seguinte, o que é uma escolha que pode enfatizar o triunfo carioca. A comemoração no Rio de Janeiro e a conquista do Flamengo, normalmente restrita à seção de esportes, foi abordada também na seção de cidades, o que mostra a importância dada ao evento pelo veículo. Enquanto a cobertura sobre o Santos após a decisão se concentrou em apenas alguns parágrafos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar possíveis parcialidades e analisar sua relação com a objetividade nas coberturas esportivas levando em consideração uma possível rivalidade regional entre São Paulo e Rio de Janeiro, e tendo como objeto de pesquisa três finais nacionais entre times dos dois estados. Foi possível notar que a parcialidade se faz presente, mas com exceções.

Como foi observado nesta pesquisa, desde o início do século XX, existiu uma “rivalidade” entre a imprensa carioca e paulista, que em certos períodos do século passado se manifestou através do futebol para defender seus interesses locais, principalmente quando as equipes de Rio de Janeiro e São Paulo eram protagonistas do futebol brasileiro.

O jornalismo esportivo atualmente tem uma certa liberdade em relação à objetividade, característica que hoje é considerada fundamental em diversas áreas do jornalismo. Como foi possível notar, o esporte abre um precedente de que as coberturas esportivas podem seguir caminhos pautados pela emoção e subjetividade, que em certo grau pode influenciar no enquadramento noticioso de diversas coberturas esportivas.

Esta busca pela objetividade pode entrar em conflito com o enquadramento noticioso, pois como foi observado anteriormente nesta pesquisa, existem momentos que a linguagem objetiva fica em segundo plano em contraste com a linguagem emocional, típica do jornalismo esportivo. E com isso, o enquadramento pode acabar por favorecer ou destacar certos eventos em uma cobertura esportiva, distanciando-se da objetividade.

Levando em consideração este contexto, a pesquisa teve como questão central a seguinte pergunta: Veículos de abrangência estadual (ou que, no mínimo privilegiam o público-alvo do estado onde a empresa jornalística está sediada) tendem a “favorecer” a imagem das equipes de seu estado quando em confrontos com times de outros estados? Concedem-lhes mais espaço ou destaque?

Com base neste questionamento, foi possível observar ao longo de três diferentes décadas que a cobertura esportiva em âmbito estadual de fato é influenciada pelo local em que o veículo se encontra. No entanto, o favorecimento em certos contextos é deixado de lado para destacar elementos que o veículo considera mais relevantes.

Em 1964, este favorecimento não se fez tão presente, pois foi notado que na cobertura da final da Taça Brasil entre Santos e Flamengo, o caminho esperado era que o Flamengo tivesse mais destaque no veículo carioca, o que não ocorreu, pois o “Jornal do Brasil” deu mais ênfase e destaque para o Santos de Pelé, principal jogador do país. O veículo exaltou o período vitorioso da equipe e a grande atuação de Pelé na decisão, ainda que fosse um veículo do Rio de Janeiro.

Em 1972, a parcialidade se tornou evidente, pois em ambos os veículos o time local recebeu mais destaque, além da equipe adversária ter sido alvo de matérias que omitiram seus pontos positivos e que destacaram seus pontos negativos. Tendo como principais exemplos, o destaque às dificuldades financeiras do Botafogo na cobertura feita pelo “Estado de São Paulo”, e uma possível tentativa de omitir os méritos do Palmeiras na cobertura do “Jornal do Brasil”.

Na cobertura de 1983, a pesquisa ressaltou que o favorecimento regional também se fez presente, com cada veículo exaltando a equipe local e omitindo possíveis destaques positivos da equipe adversária. O que difere tal cobertura da anterior, foi o fato de que enquanto os jornais em 1972 davam menos destaque ao time adversário, em 1983 houve uma tentativa de equilibrar o espaço cedido às duas equipes, no entanto, a linguagem utilizada deixou evidente que o time local era tratado de forma mais positiva em relação ao adversário, geralmente tratado de forma neutra ou até mesmo negativa em certas ocasiões.

Além de notar como a linguagem utilizada na cobertura esportiva foi mudando ao longo dos anos, saindo de uma abordagem mais técnica e “fria” para coberturas levemente mais subjetivas, foi possível concluir que veículos de abrangência estadual optam por enquadrar equipes de suas regiões positivamente

em detrimento de equipes de outros estados, ainda que houvesse exceções, como em 1964. Nos três objetos de pesquisa analisados, este favorecimento esteve evidente nas coberturas do “Estado de São Paulo” nas três ocasiões, enquanto no caso do “Jornal do Brasil” apenas em duas, em 1972 e 1983.

6 REFERÊNCIAS

ALLIATTI, Alexandre. **O Fla-Flu como ele é: Mario Filho e Nelson Rodrigues eternizam clássico.** [S. l.], 6 jul. 2012. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/100-anos-de-fla-flu/noticia/2012/07/o-fla-flu-como-ele-e-mario-filho-e-nelson-rodrigues-eternizam-classico.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

ALMEIDA, André. **Bombou!** Cearense idealiza campanha nas redes por David Luiz, é citado por zagueiro e confessa: "Sem reação". Ge Globo, [s. l.], 16 set. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/noticia/bombou-cearense-idealiza-campanha-nas-redes-por-david-luiz-e-citado-por-zagueiro-e-confessa-sem-reacao.ghtml>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BALTAR, Marcelo. **'Fundamental' na unificação, LuisAlvaro vibra com decisão da CBF.** Globo, [s. l.], 13 dez. 2010. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2010/12/fundamental-na-unificacao-dos-titulos-luis-alvaro-vibra-com-decisao-da-cbf.html>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo.** [S. l.: s. n.], 2006.

BATISTA, Liz. **Estadão faz 148 anos. Veja a primeira edição e conheça a história do jornal.** Estadão, [s. l.], 4 jan. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/estadao-faz-148-anos-veja-a-primeira-edicao-e-conheca-a-historia-do-jornal/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. **Redação sportv: uma experiência de jornalismo esportivo crítico.** Orientador: Severino Francisco da Silva Filho. 2010. Monografia (Graduação em curso de Comunicação Social) - UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. **HISTÓRIA DA MÍDIA ESPORTIVA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DE TORCIDAS: Mídia e Futebol.** *In: HISTÓRIA DA MÍDIA ESPORTIVA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DE TORCIDAS.* [S. l.], 2 set. 2017. Disponível em: <https://geoculturadofutebol.blogspot.com/2017/09/historia-da-midia-esportiva-no-brasil-e.html>. Acesso em: 5 jun. 2024.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media.** [S. l.: s. n.], 2001.

CASSUCCI, Bruno; BRAGA, Marcelo. **Cuca deixa o comando do Corinthians após dois jogos.** Ge Globo, [s. l.], 27 abr. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/04/27/cuca-deixa-o-comando-do-corinthians-apos-dois-jogos.ghtml>. Acesso em: 16 jul. 2024.

COSTA, Ferreira da. **Clássico é o mais disputado do mundo.** O Liberal, [s. l.], 29 jan. 2012. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20140323015252/http://www.orm.com.br/projetos/oliber-al/interna/?modulo=249&codigo=574993>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CUNHA, Odir. **Dossiê: unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959: o documento que resgatou a história do futebol brasileiro**. [S. l.: s. n.], 2011.

CUNHA, Odir. **Há 50 anos, a imprensa saudava o primeiro campeão brasileiro**. [S. l.], 30 mar. 2010. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160223051808/http://blogdoodir.com.br/2010/03/ha-50-anos-a-imprensa-saudava-o-primeiro-campeao-brasileiro/>. Acesso em: 3 maio 2024.

DINIZ, Guilherme. **Palmeiras x São Paulo - Choque-Rei**. Imortais do Futebol, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/palmeiras-x-sao-paulo-choque-rei/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DUTRA, Diego Normandi Maciel; SILVA, Simone Faustino da. **Futebol e rivalidade no riso e em rede: O Facebook como campo para antagonismo de torcidas**. 2020. Dissertação de Mestrado (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.mguerramemoria.com.br/futebol-e-rivalidade-no-riso-e-em-rede-o-facebook-como-campo-para-antagonismo-de-torcidas>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FEITOSA, Anselmo Penha. **Como o uso das redes sociais mudou o engajamento de torcedores de futebol no Brasil**. Orientador: Doutora Pollyana Ferrari. 2019. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - PUC-São Paulo, São Paulo, 2019.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O jogo da distinção: C. A. Paulistano e Fluminense F. C**: Um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933). Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado em história, política e bens culturais) - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [S. l.], 2016.

FILARDI, Eric. **Mário Filho: O maior jornalista esportivo do Brasil**. [S. l.], 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/mario-filho-maior-jornalista-esportivo/>. Acesso em: 5 maio 2024.

FILHO, Mário. **A Rivalidade Fluminense e Botafogo: O nome impróprio**. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p. 5, 13 dez. 1952. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pesq=Clásico%20Vovô&pasta=ano%201952\edicao%2007149&pagfis=45001. Acesso em: 15 jul. 2024.

FONSECA, Letícia Pedruce. **A construção visual do jornal do brasil na primeira metade do século XX**. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11855@1>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FREITAS, Evandro; MORAES, Ana Luisa Coiro. **Jornal do almoço** – uma análise sobre identidade e diferença cultural. *Cadernos de Comunicação*, [S. l.], v. 15, n. 2, 2012. DOI: 10.5902/2316882X4718. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/4718>. Acesso em: 19 out. 2024.

FREITAS, Bruno; LIMA, Vanderlei **Cariocas x Paulistas: De Friedenreich a Ronaldo, como a rixa estadual moldou o futebol brasileiro (e atrapalhou a seleção em Copas)**. [S. l.]: Bruno Freitas, 2017. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/paulistas-x-cariocas-no-futebol.htm#cariocas-x-paulistas>. Acesso em: 1 abr. 2024.

GASPARINO, Henrique. **ESTUDO DA TRANSMISSÃO ESPORTIVA NA TELEVISÃO BRASILEIRA**. Orientador: Antonio Francisco Magnoni. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, [S. l.], 2013.

GHIZZONI, Manuela. **Jornalismo regional como mediador social: uma análise de conteúdo**. Orientador: Doutora Elza Aparecida de Oliveira Filha. 2013. Monografia (Jornalismo) - Graduação em Jornalismo - Universidade Positivo, [S. l.], 2013.

KFOURI, Juca. **Um sábado do Clássico da Saudade**. UOL, [s. l.], 26 abr. 2013. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2013/04/um-sabado-do-classico-da-saudade/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LEAL, Daniel; MESQUITA, Giovana Borges. **Entre o objetivo e o subjetivo: a presença de novos valores-notícia no jornalismo esportivo**. 2023. 13 p. Artigo (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2023.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso**. *Revista Compolítica*, [s. l.], 2007. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_jp-plinio.pdf. Acesso em: 24 out. 2024.

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. **Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85)**. Rio de Janeiro, 2006.

LOBATO, Elvira. **Empresário anuncia o fim do "Jornal do Brasil" em versão impressa**. *Folha de São Paulo*, [s. l.], 14 jul. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/766640-empresario-anuncia-o-fim-do-jornal-do-brasil-em-versao-impressa.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2024.

MADUREIRA, Thiago. **Paulistano descarta seguir Atlético em busca de reconhecimento de título.** [S. l.], 18 maio 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/100-anos-de-fla-flu/noticia/2012/07/o-fla-flu-como-ele-e-mario-filho-e-nelson-rodrigues-eternizam-classico.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

MATSUKI, Edgard. **Cem anos do rádio no Brasil: a relação histórica do rádio e esporte:** Esporte do país cresceu e fez história via ondas sonoras. [S. l.], 31 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-relacao-historica-entre-radio-e-esporte>. Acesso em: 5 maio 2024.

MAYRINK, José Maria. **Opinião: Democracia e imprensa.** Portal Imprensa, [s. l.], 26 out. 2016. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/imprensa+30/imprensa+30/78564/opinia+o+democracia+e+imprensa+por+jose+maria+mayrink>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MELLO, Eduardo. **Corinthians x Palmeiras:** um derby com 92 anos de muita história. Ge Globo, [s. l.], 5 maio 2009. Disponível em: <https://ge.globo.com/platb/memoriaec/2009/05/05/corinthians-x-palmeiras-92-anos-de-muita-historia/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MENDES, Bárbara de Seixas. **O jornalismo local e regional: o caso do fórum covilhã.** Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra, [S. l.], 2021. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/97017/1/BarbaraMendes_-versaofinal.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

NEVES, Thalita. **Noticiabilidade, Valor-notícia e Seleção Noticiosa no Jornalismo Esportivo.** 2020. Artigo (Mestra em Jornalismo e Doutoranda em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [S. l.], 2020.

NOGUEIRA, Cláudio. **Os passos do futebol do país até chegar ao Campeonato Brasileiro,** [S. l.], p. <https://ge.globo.com>, 13 maio 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/especial-blog/memoria-ec/post/os-passos-do-futebol-brasileiro-ate-chegar-ao-campeonato-brasileiro.html>. Acesso em: 1 abr. 2024.

NOGUEIRA, Cláudio. Palmeiras x Flamengo: uma rivalidade sem fronteiras. *In: Ge Globo.* [S. l.], 11 nov. 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/memoria-ec/post/2017/11/11/palmeiras-x-flamengo-rivalidade-sem-fronteiras.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2024.

O CLUB Athletico Paulistano é o campeão do Brasil. **Correio da Manhã,** Rio de Janeiro, 29 mar. 1920. *Correio Sportivo*, p. 5-5. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=1086. Acesso em: 3 maio 2024.

PAES, Lucas. **Os 110 anos do Fla-Flu, o clássico mais charmoso do futebol brasileiro**. O Curioso do Futebol, [s. l.], 7 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ocuriosodofutebol.com.br/2022/07/os-110-anos-do-fla-flu-o-classico-mais.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PARKINSON, Gary. **FourFourTwo's 50 Biggest Derbies in the World**, No.8: Gremios Internacional. FourFourTwo, [s. l.], 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-50-biggest-derbies-world-no8-gremio-vs-internacional>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PETERS, Christina. **Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República**, <https://www.scielo.org>, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100151&lang=pt. Acesso em: 1 abr. 2024.

PETROCILO, Carlos. **Rivalidade faz Grêmio e Inter terem mesmos patrocinadores**. Zero Hora, [s. l.], 9 maio 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2019/05/rivalidade-faz-gremio-e-inter-terem-mesmos-patrocinadores-cjvgsb52j024q01oh3xidcqi6.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PIRES, Breiller. **Cuca e a mancha do estupro no currículo do técnico brasileiro mais falado do momento**. El País, [s. l.], 31 jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-01-31/cuca-e-a-mancha-do-estupro-no-curriculo-do-tecnico-brasileiro-mais-falado-do-momento.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

PLACAR, Revista. **Por que o Corinthians não é um Flamengo?**. [S. l.]: Revista Placar, 1970- . 1982.

RIBEIRO, Jessica. **Do gol ao like: Como as redes sociais impactam o mundo do futebol**. FootHub, [S. l.], 15 jan. 2024. Tecnologia e Inovação, p. 1. Disponível em: <https://foothub.com.br/do-gol-ao-like-como-as-redes-sociais-impactam-o-mundo-do-futebol/>. Acesso em: 3 maio 2024.

SANCHES, Claudia. **Relembrando o Mundial de 1950 com o jornalista e escritor Loris Baena**. [S. l.], 24 jul. 2015. Disponível em: <https://www.abi.org.br/relembrando-o-mundial-de-1950-com-o-jornalista-e-cronista-esportivo-loris-baena/>. Acesso em: 15 maio 2024.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, [s. l.], 2004.

SIMÕES, Alexandre. **1956**: a história de um título dividido entre Atlético e Cruzeiro na Era Independência. Hoje em Dia, [s. l.], 1 abr. 2018. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/1956-a-historia-de-um-titulo-dividido-entre-atletico-e-cruzeiro-na-era-independencia-1.610148>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SIMON, Allan. **50 anos do Tri**: Como a Copa do Mundo de 1970 chegou aos brasileiros pela TV. Blog do Allan Simon, [s. l.], 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www.allansimon.com.br/2020/06/16/50-anos-do-tri-como-a-copa-do-mundo-de-1970-chegou-aos-brasileiros-pela-tv/>. Acesso em: 22 out. 2024.

SPORTS: Foot-ball. **Correio da Manhã**, [S. l.], p. 4, 10 jun. 1911.

TAKAHASHI, Jéssica Garcia e MILESI, Victor Hugo Moreira e ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **Um olhar weberiano sobre a unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959**. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 16, n. 159, p. on-line, 2011 Tradução. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd159/um-olhar-weberiano-sobre-titulos-brasileiros.htm>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo. Relatos de uma paixão**. [S. l.: s. n.], 2017.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística**: Os torcedores "mistos" no Nordeste. Dissertação - Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.